

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
BACHARELADO EM ARTES VISUAIS

TÚLASSY NUNES PINHEIRO

POÉTICAS DO CAMINHAR: O QUE APRENDI COM A TERRA, O AMOR E AS PLANTAS

GOIÂNIA 2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): TÚLASSY NUNES PINHEIRO

Título do trabalho: POÉTICAS DO CAMINHAR: O QUE APRENDI COM A TERRA, O AMOR E AS PLANTAS

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concordo com a liberação total do documento [X] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Glayson Arcanjo De Sampaio**, Professor do Magistério Superior, em 17/12/2024, às 09:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Túlassy Nunes Pinheiro**, Discente, em 17/12/2024, às 09:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

Termo de Ciência e de Autorização TCCG (RI) TECA 5045921 SEI 23070.015726/2024-02 / pg. 1



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador 5045921 e o código CRC 93FA3ACT.

TÚLASSY NUNES PINHEIRO

POÉTICAS DO CAMINHAR: O QUE APRENDI COM A TERRA, O AMOR E AS PLANTAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso Artes Visuais
Bacharelado da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título
de Bacharel em Artes Visuais.

Orientador: Dr. Glayson Arcanjo de Sampaio

GOIÂNIA 2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Pinheiro, Túlassy Nunes
Poéticas do caminhar [Manuscrito]: o que aprendi com a terra, o amor e as plantas / Túlassy Nunes Pinheiro. - 2024.
CVIII, 108 f.: 2024

Orientador: Prof. Dr. Glayson Arcanjo de Sampaio
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Artes Visuais, Goiânia, 2024.
Inclui: lista de figuras.

1. Reconexão. 2. Materialidade. 3. Memórias. 4. Expressão Artística. 5. Resignificação.

I. Sampaio, Glayson Arcanjo de, orient. II. Título.

CDU 7



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos doze dias do mês de dezembro do ano de 2024 iniciou-se, às 08h00 no Auditório da FAV/UFG, a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado **POÉTICAS DO CAMINHAR: O QUE APRENDI COM A TERRA, O AMOR E AS PLANTAS**, de autoria de **TÚLASSY NUNES PINHEIRO**, estudante do curso Artes Visuais - Bacharelado, da Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Os trabalhos foram instalados pelo orientador e presidente da banca, Prof. Dr. Glayson Arcanjo de Sampaio (FAV/UFG), com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Profª. Dra. Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues (FAV/UFG) e Profª. Ma. Jocy Meneses dos Santos Junior (PPGACV/FAV/UFG). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota (N2) ao estudante, com base nos critérios presentes na Ficha de Avaliação do TCC, considerando o TCC **Aprovado**.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Glayson Arcanjo De Sampaio**, **Professor do Magistério Superior**, em 17/12/2024, às 11:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Manoela Dos Anjos Afonso Rodrigues**, **Professor do Magistério Superior**, em 19/12/2024, às 12:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Jocy Meneses Dos Santos Junior**, **Usuário Externo**, em 20/12/2024, às 09:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5046980** e o código CRC **7B5BD06C**.

TÚLASSY NUNES PINHEIRO

POÉTICAS DO CAMINHAR: O QUE APRENDI COM A TERRA, O AMOR E AS PLANTAS

Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca examinadora como requisito para a obtenção do Título de Bacharel em Artes Visuais, da Universidade Federal de Goiás. Aprovada em 00/00/24.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Glayson Arcanjo de Sampaio (Orientador) FAV/UFG

Prof. Dra. Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues (Membro Interno) FAV/UFG

Me. Jocy Meneses dos Santos Junior (Membro Externo) PPGACV/FAV/UFG

Aos caminhos conduzidos por forças maiores que habitam meu ser e se manifestam na natureza, à minha mãe e à minha avó. Ao meu parceiro de vida e aos meus amigos que como raízes, firmam minha passagem por este mundo. À criança interna que nunca deixa de brincar e conduzir minhas pulsações.

AGRADECIMENTOS

O processo de criação não é fácil e envolve comprometimento, energia e tempo. Antes mesmo de iniciar essa pesquisa, nos pré-processos, fui acometido por uma ansiedade tremenda e muito medo de não dar contas das demandas, de não conseguir expressar o que acredito de forma coerente e que tocasse as pessoas de forma significativa. Coloquei nesse projeto muito de mim e do que acredito e isso me fez sentir vulnerável em diversos momentos.

Estabelecer confiança, manter o foco e fortalecer minha fé, só foi possível porque tive um imenso respaldo amoroso das pessoas que compõe minha rede de apoio e acreditam muito em mim, apoiando minhas causas, minha arte e criações a todo momento. Me apoiei na fé e recebi aconselhamentos divinos através de sonhos que me conduziram nas escolhas e na escrita e sou muito grato a isso.

Sou grato por ter pessoas tão maravilhosas ao meu lado, que inspiram e apoiam meus movimentos, minhas causas. Dessa forma, não poderia deixar de agradecer imensamente à minha mãe, que me inspira toda a vida, sendo uma pessoa que se preocupa com o bem-estar das pessoas, se empenha para causas em prol da melhoria social, cuida da mente das pessoas de forma respeitosa e amorosa, respeitando a diversidade de saberes do contexto de cada um, sem invisibilizar nenhuma história, segue se dedicando profissionalmente, deixando faíscas de esperança por onde passa. Também é uma mãe amorosa e apoiadora, que me incentivou em cada decisão que escolhi fazer, aplaudindo as escolhas que fiz em prol da preservação ambiental e das artes, me ajudando a aprender com as quedas e escolhas equivocadas também, que fazem parte das jornadas.

Agradeço à minha avó que da sua forma, expressa seu amor por meio das plantas e da propagação de seus saberes de bióloga holística. Sábia e as vezes prepotente, me ensinou também a defender minhas verdades e lutar por minhas causas. Me inspirou a sempre estudar e buscar independência, a seguir meus sonhos e conhecer tudo que for possível do mundo, das culturas e das pessoas.

Agradeço ao Cristian, meu parceiro amado que me acompanhou em cada passo dessa pesquisa, me estimulando a cada ideia, cada palavra escrita. Sua curiosidade por saber de meus interesses e entusiasmo ao desvendar minhas visões de mundo são adubo para meus processos. Apoio e amor incondicional foram cruciais para acalmar minhas ansiedades, sua presença floresceu meus dias e sou muito feliz de poder plantar planos ao seu lado.

Agradeço à minha comadre, irmã de alma, parceira das danças cósmicas, Sara, que estimula minha arte, movimenta minha vida de forma sublime e orna minha existência com muito amor, com sabedoria e pulsão de vida. Sara é uma pessoa que me inspira em força, intelectualidade e através do seu amor. Me resgatou e me levou para perto de refúgios naturais em vários momentos de minha vida, momentos que eu realmente precisava do colo das águas e da imensidão do meio ambiente. Me presenteou com a vida de Lis e Maia, afilhadas queridas que dançam com minha criança interna e resgatam o melhor que existe em mim. Lis através de sua calma, cuidado e amor pela dança. Maia através de sua coragem, força e coletas de elementos da natureza em nossas caminhadas.

Agradeço à Escola Casa Verde, que inspirou e ao mesmo tempo que confiou em mim para transmitir minhas sabedorias sobre a cerâmica e a prática artística através de oficinas, também me concedeu inúmeros aprendizados de cuidado com a natureza, restaurando minha fé na educação, por meio da pedagogia de quintal, do aprendizado com a terra. Foram diversos compartilhamentos com profissionais e com as crianças, que também adubaram meu caminhar e que sempre estarão em meu coração.

A todes amigues, Guará, Párdala e toda família de Pina Kadela, que me proporcionam alívio e tempo de qualidade em nossos encontros, florescendo amor, risadas e colo. Sou grato por nossos caminhos terem se cruzado e pelo apoio em toda caminhada, fortalecendo quem eu sou em diversos aspectos. Reconheço a importância do trabalho terapêutico de minha psicóloga, Anna Karollina, sem ela nada disso seria possível, foi ela quem me encheu de esperança e me apresentou novas perspectivas sobre o amor.

Aos professores da universidade que se preocupam de fato em ensinar com amorosidade, transgredindo o sistema, encorajando e não oprimindo como tantos outros profissionais da educação. Agradeço inclusive aos professores que oprimiram e repreenderam, por mais que tenham desestimulado e dificultado a jornada acadêmica, floresci e me fortaleci em meio às adversidades, desenvolvendo minhas defesas e fortalecendo minha fé em minha verdade, me levantei das quedas ainda mais forte, ainda mais sábio e convicto de minhas causas.

À espiritualidade pulsante e presente na natureza, que conversa através das árvores, dos ventos, das águas e dos bichos. Início essa pesquisa por meio do amor que foi semeado e cultivado em conjunto à tudo isso, muito agradecido.

“As folhas das árvores servem para nos ensinar a cair sem alardes.”

Manoel de Barros

RESUMO

A pesquisa visa identificar a importância da prática artística nos meus processos de crescimento pessoal, com base em relatos escritos e desenhos iniciados em 2016, que guardam ensinamentos e memórias de encantamento com a natureza, especialmente com as paisagens do cerrado. Exploro esses registros para entender a gênese da minha relação com a natureza, particularmente com a água e a terra. A pesquisa reúne diferentes formas de expressão, como escritas poéticas que criam metáforas entre os ciclos da vida e da natureza, cerâmicas, ilustrações, aquarelas, experimentações com tintas naturais e performances. O objetivo é conectar essas práticas e memórias com os ensinamentos adquiridos ao longo do percurso, que integram matéria, ideias e espírito, buscando possibilidades de cura por meio da reconexão com a vida e o aterramento, alinhados com concepções pessoais de espiritualidade.

Palavras-chave: Reconexão, materialidade, memórias, expressão artística, ressignificação.

ABSTRACT

The research aims to identify the importance of artistic practice in my personal growth processes, based on written accounts and drawings initiated in 2016, which hold teachings and memories of enchantment with nature, especially with the landscapes of the cerrado. I explore these records to understand the genesis of my relationship with nature, particularly with water and soil. The research brings together different forms of expression, such as poetic writings that create metaphors between the cycles of life and nature, ceramics, illustrations, watercolors, and experiments with natural dyes and performances. The goal is to connect these practices and memories with the teachings acquired throughout the journey, which integrate matter, ideas, and spirit, seeking possibilities for healing through reconnection with life and grounding, aligned with personal conceptions of spirituality.

Keywords: Reconnection, materiality, memories, artistic expression, re-signification.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Paisagem de montanhas da estrada , 2023. Tu.	10
Figura 2 – Paisagem de sensações durante trilhas da Chapada dos Veadeiros , 2023. Tu.....	11
Figura 3 – As faces do solo , 2023. Tu. Fotografia de Sabrina Schreiner.....	12
Figura 4 – Cabelos de manjeriço , 2018. Tu.....	13
Figura 5 – Visão de girassóis , 2018. Tu.....	14
Figura 6 - Corpo que brota de uma flor , 2018. Tu.....	15
Figura 7 – Cabeça que brota de uma flor , 2018. Tu.....	16
Figura 8 – Montanhas com árvores mortas pela queimada , 2023, Tu.....	23
Figura 9 – Lótus brotando de um corpo , 2019. Tu.....	36
Figura 10 – Tem que se amar primeiro , 2019. Tu.....	37
Figura 11 – Quero me curar de mim , 2019. Tu.....	38
Figura 12 – Autorretrato com lótus no pescoço , 2019. Tu.....	39
Figura 13 – Árvore frondosa do caminho , 2019. Tu.....	40
Figura 14 – Montanhas dormem e morro testemunho , 2023. Tu.....	41
Figura 15 – Sementes de imensidões , 2024. Fotografia de Tu.....	42
Figura 16 – Experimentações integrativas , 2024. Tu.....	43
Figura 17 – Sementes de imensidões , 2024. Fotografia de Tu.....	44

Figura 18 – Experimentação de composições integrativas com sementes 1 , 2024. Tu.....	45
Figura 19 - Experimentação de composições integrativas com sementes 2 , 2024. Tu.....	46
Figura 20 – Série de Silhuetas , 1978. Ana Mendieta.....	49
Figura 21 – Corpo terra , série de silhuetas, 1976. Ana Mendieta.....	50
Figura 22 - Corpo terra , série de silhuetas, 1976. Ana Mendieta.....	51
Figura 23 – Escutar as águas , 2019. Tu.....	57
Figura 24 – Registros de meus cultivos de quintal... , 2020. Fotografia de Tu.....	58
Figura 25 – Performance Mudinha de Esperança , 2024. Fotografia de Gleici Sousa.....	59
Figura 26 – Aloe Vera , 2024. Tu.....	60
Figura 27 – Chá de manjeriçã , 2024. Tu.....	61
Figura 28 – Coléus , 2024. Tu.....	62
Figura 29 – Capim cidreira , 2024. Tu.....	63
Figura 30 – Philodredon ap. , 2024. Tu.....	64
Figura 31 – Passagem , 1979. Celeida Tostes. Fotografia de Henri Stahl.....	68
Figura 32 – Passagem , 1979. Celeida Tostes. Fotografia de Henri Stahl.....	69
Figura 33 – Amassadinhos , 1991. Celeida Tostes.....	71
Figura 34 – Sem título , 2024. Tu.....	74
Figura 35 – Composição integrativa , 2024. Tu.....	75
Figura 36 – Estive aqui, de pés plantados , 2024, Tu.....	76
Figura 37 – Estive aqui, mãos entregues , 2024. Tu.....	77

Figura 38 – Mãos e galho , 2024. Tu.....	78
Figura 39 – Mão, galhos e folhas , 2024. Tu. pág.....	79
Figura 40 – Teste de pigmentos naturais , 2024. Tu.....	80
Figura 41 – Semelhantes , 2024. Tu.....	81
Figura 42 – Bicho Folha , 2024. Performance Bicho do Mato, Tu.....	88
Figura 43 – Imerso , 2024. Performance Bicho do Mato, Tu.....	89
Figura 44 – Bicho-preguiça , 2024. Performance Bicho do Mato, Tu.....	89

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS

RESUMO

ABSTRACT

LISTA DE FIGURAS

O INÍCIO DO CAMINHO – INTRODUÇÃO	1
O CAMINHO DA TERRA	5
CONTEMPLAÇÕES E MUDANÇAS	17
MICROPOLÍTICA – A SEMENTE DO AMOR	24
PROCESSOS DE GERMINAR – REVISITANDO MEMÓRIAS E CADERNOS	29
MAIS AMOR, CONFLUÊNCIAS E SABEDORIA DAS PLANTAS	47
CERÂMICA – TERRA, ÁGUA, FOGO E AR	65
PERMANECER CAMINHANDO	82
REFERÊNCIAS	92

O Início do Caminho - Introdução

“Anda teu andar sem pressa,

Vem, a boa hora é essa

...

Senta, deixa de bobeira

A vida é tão ligeira

A promessa que eu fiz foi diferente

Pois na volta parece que é mais perto

Não há jeito melhor que jeito certo

Quem quer sombra é melhor jogar semente

Quando for dar um passo, olhe para frente.”

(Boa Hora - Alessandra Leão)

No contínuo fluxo do crescimento pessoal, minha jornada tem sido uma busca incessante pela essência mais genuína de quem sou. Em cada passo desse caminho, empenhei-me em desvendar minhas verdadeiras inclinações, crenças e aquilo que realmente confere significado à minha existência, cultivando significados de aprendizado para tudo que me rodeia e atravessa. Ao longo desse processo de autodescoberta, a proximidade com a natureza — observando seus ciclos, mistérios e encantos — o contato com a terra, as plantas e o fazer artístico revelaram-se essenciais e potentes.

A interação com o ambiente natural, compartilhamentos das sabedorias de minha mãe e avó, além do diálogo com indivíduos que possuíam um profundo conhecimento sobre a passagem do tempo, os ciclos da vida e as plantas, acumulando saberes tradicionais, ofereceram paralelos e insights, repletos de sabedoria, que trouxeram leveza e acolhimento para minha alma. Além disso, as longas e semestrais viagens que eu, minha mãe e avó fazíamos para a Chapada dos Veadeiros (uma região montanhosa e de proteção ambiental localizada no estado de Goiás, Brasil), seis horas de carro, conversando, olhando a estrada, escutando músicas de MPB (Música Popular Brasileira), enquanto eu ia desenhando e escrevendo reflexões em espécies de diários (a partir de certa idade), renderam ensinamentos que seguem reverberando em meus dias.

A maior parte das contemplações iniciadas na infância, com olhar curioso e encantado, durante o caminhar, coletando objetos naturais que eu julgava interessantes e encantadores por sua forma e cores, prosseguem presentes cotidianamente e se fazem presentes no meu processo artístico. O ato de escrever e desenhar também se perpetuam durante meu crescimento e são pontos de partida para diversas possibilidades artísticas. Permitir que minha essência se manifeste, seja acolhida e cuidada, para que os biomas internos possam florescer em harmonia e equilíbrio, tem sido um caminho de processos diários e contínuos.

Ao mencionar essência, me refiro aos aspectos fundamentais do meu ser, as chamadas da infância que caminham em harmonia natural com o meio ambiente, e no meu caso, com muito encantamento por esse lugar. Porém, é importante dizer que não creio que haja um ser que já nasça com características pré-determinadas. A personalidade se desenvolve com influência do meio, mas também é construída através das escolhas e aspirações, é multável e fluida a partir de como o ser se move no mundo, da

busca e do conhecimento de si. A essência que decido honrar tem a ver com a memória, que não se constitui somente de coisas boas. Me conectar com o que foi bom de uma infância permeada por traumas, abusos e abandonos, olhar para o ser que em pura ingenuidade, encontrava colo na brincadeira com a terra, no observar a dança que o vento faz com as folhas, é inclusive uma escolha cotidiana, em prol dos movimentos de curas. Não deixo de reconhecer e abraçar as dores dessa criança, que imergem de tempos em tempos e rendem muito o que trabalhar na terapia. Porém, na maior parte do tempo, hoje em dia, quem pulsa em mim é a esperança contida na criança doce, alegre e amável que fui e me inspiro para continuar a ser, para prosseguir cultivando sonhos, aprendendo com os ciclos da natureza.

Neste caminho, as andanças revelaram e reforçaram a convicção de que a lógica extremamente racional nem sempre ilumina os aspectos profundos do grande mistério que é viver. Em contraponto, o contato com a terra, a arte e as plantas revelaram-se incandescentes e apontam caminhos mais bonitos de serem percorridos. O controle é uma ilusão passageira, mas é possível caminhar com mais leveza ao adotar uma prática amorosa e encontrar aprendizado até nas imperfeições, pois são inclusive estas que apontam caminhos de aprendizado, que aprofunda a busca do autoconhecimento. Os ciclos da natureza revelam que o verdadeiro progresso se dá na aceitação da fluidez e na adaptação às mudanças, mostrando que cada estação de nossa jornada interna traz oportunidades de renovação e descoberta.

Ao sincronizar nossa existência com os ritmos naturais, aprendemos a viver com maior consciência e serenidade, reconhecendo a beleza intrínseca da imperfeição e a sabedoria encontrada na constante transformação. Neste contexto, minha jornada artística se entrelaça com a natureza em uma dança de descobertas e cuidados, de forma bastante poética, já que a poesia, exercitada pela escrita constante de pensamentos e reflexões, é recurso criativo e ferramenta de autoconhecimento pessoal e coletiva em suas ondas.

Busco, através da arte e da integração com o ambiente natural, um entendimento mais profundo de mim mesmo e uma prática amorosa que reflete a harmonia com o todo, valorizando saberes de conexão com a terra, as sutilezas valiosas do meio

ambiente e os ricos ensinamentos que são transmitidos através destas. Como parte prática desta pesquisa, escrevi poesias que entrelaçam reflexões sobre a natureza e o cotidiano, revelando a beleza intrínseca da integração entre ambos.

A busca por harmonia, guiada por uma lógica amorosa e respeitosa, é sustentada por memórias da infância e cadernos da adolescência e aprofundada pelos escritos de bell hooks sobre amor, espiritualidade e práticas cotidianas, pelas ideias de Antonio Bispo dos Santos sobre micropolítica e saberes da terra, alternativas ao desenvolvimentismo extrativista, e pelos ensinamentos ancestrais de Ailton Krenak, que aprofundam a integração crítica entre humanidade e natureza e inspiram uma mudança nos meus atos frente às dinâmicas de um sistema de violência existente.

Durante a jornada acadêmica, a busca por integração também esteve presente. Na tentativa de integrar saberes, foram extremamente importantes os estágios que participei no Instituto de Estudos Socioambientais (IESA-UFG), no núcleo de Saberes Sobre Solos, durante todo o ano de 2023, com auxílio da professora Andrelisa de Jesus. Além da participação na disciplina de Análise Estrutural da Paisagem (IEA0202), com professor Guilherme Taitson, no primeiro semestre de 2024. O contato que tive com estudantes e docentes da área ambiental, além da participação nas viagens de campo, me proporcionaram uma dimensão muito maior a respeito das dinâmicas naturais e dos efeitos negativos ocasionados por interferências humanas sem consciência, sem cuidado integrado. Também me proporcionaram esperanças e busca por alternativas.

Desenhos aquarelados, peças de cerâmica, coleta e identificação de sementes fazem parte dessa jornada e compõem a maior parte das práticas dessa pesquisa, através de registros fotográficos. Incluo em alguns capítulos algumas referências de artistas que ressoaram em minha jornada de forma muito positiva e enriquecedora.

Cada poema ilustra a fusão contínua entre nossas vidas e a natureza, mostrando como ações humanas e o mundo natural se entrelaçam em harmonia e interdependência. Alguns poemas introduzem capítulos, outros estão intercaladas ao longo do texto, e há capítulos que começam com trechos de músicas ou reflexões filosóficas que marcam essa jornada.

O Caminho da terra

No caminho das pedras, encontrei várias terras que coloriram a paisagem e fixavam meu olhar naquele chão.

A terra que um dia foi pedra, refletia um chão de nós.

E eu já havia me cansado de caminhar só, descobri tanta companhia enraizada nesse chão. Aterrei-me.

Joguei água na terra antes mesmo de plantar, só para ver os pigmentos diversos na minha pele ornar.

Mais à frente do caminho, tinha água em abundância. O encontro da terra com o rio, fez jorrar esperança. A junção desses elementos em equilíbrio, davam para modelar um universo inteiro.

Fiz potes à beira do rio e deixei-os secar na sombra, sem forçar o processo. Esses potes queimariam para transmutar e guardariam ainda sementes outras que pretendo cultivar.

Depois de fluir e dançar com as águas, agradei o descanso concedido, ali aprendi a deixar ir tudo que fosse preciso.

Seguindo o caminho das pedras, parei novamente para olhar em volta. As cores do Cerrado seco e resistente onde residiria a minha horta.

Essas cores nutriram de força meu coração, que nesse momento sentiu-se pronto para depositar na terra as sementes do coração.

Sementes de amor, sabedoria, compreensão e paciência. Adorei a terra, depositei água e descansei no tempo.

Tinha plantado tudo que quero ser, me restava nutrir esse plantar.

Esperar

Poema livre 1 – Caminho da Terra. Tu (2024)

O contato com a natureza, a contemplação da fauna e flora, as micropolíticas e o contato com as materialidades, principalmente dos elementos água e terra, são os fios condutores de minha pesquisa e expressão artística. Estar em contato com a natureza proporcionou e ainda proporciona momentos de cura e ressignificação.

Aqui, não trato a cura como um objetivo com um ponto de chegada definido ou uma meta a ser alcançada e concluída, como se houvesse uma doença a ser aniquilada e combatida e um remédio que vai resolver e solucionar tudo e pronto, fim. A cura que trago, na verdade, é relativa a um alívio constante, de busca cotidiana e acredito que eterna, processual para tratamento de dores pessoais, que incluem sintomas de estresse, adoecimento mental e físico (já que estes não se dissociam, ainda mais em contextos de traumas prematuros). A cura é então, para mim, a tentativa de aliviar e reduzir os danos inerentes a qualquer pessoa que habite este mundo, pois todos carregamos feridas mais profundas e complexas que qualquer diagnóstico clínico superficial e desintegrado da concepção de união indissociável de corpo, mente, espírito e ambiente. Desta forma e considerando o fator da busca individual e juntamente coletiva é melhor dizer curas, plural e contínuo.

A Medicina Chinesa, por exemplo, ilustra bem essa abordagem holística (integrativa). Na Medicina Chinesa, a cura é vista como um estado de equilíbrio e harmonia que envolve não apenas a eliminação de sintomas físicos, mas também o alinhamento do corpo, da mente e do espírito. No livro *Os Fundamentos da Medicina Chinesa, parte 1*, de Giovanni Maciocia, ele pontua como a visão ocidental trata a concepção de Yin-Yang de forma equivocada, baseando-se na oposição dos contrários a partir da premissa Aristotélica - “a mesa é quadrada” e “a mesa não é quadrada”). Para os chineses, o conceito de Yin-Yang é muito diferente, pois representam relações opostas e complementares. Giovanni explica:

“Yin contém a semente de Yang, de forma que o primeiro pode transformar-se no segundo e vice-versa”. (Maciocia, 2017, p.3)

“Cada parte do corpo humano tem um caráter predominantemente Yin ou Yang, e isso é importante para a prática clínica. Contudo é necessário enfatizar que tal predomínio é apenas relativo.” (Maciocia, 2017, p.7)

Ailton Krenak, escritor, líder indígena e ativista ambiental, ao refletir sobre a relação dos povos indígenas com a natureza, sublinha a importância de valorizar as sutilezas do mundo natural. Em seu livro *Ideias para adiar o Fim do Mundo* (2019), pontua como os povos indígenas compreendem a natureza como uma teia viva de relações em que cada elemento, desde os animais até as plantas e os minerais, possui um papel fundamental na manutenção do equilíbrio. Eles reconhecem que a cura e a sabedoria estão entrelaçadas com a observação e o respeito pelas sutilezas do mundo natural, entendendo que cada detalhe é essencial para a harmonia do todo. Em seus escritos, ele conta a história de uma senhora, anciã Hopi que conversava com uma pedra, enquanto um pesquisador europeu do começo do século XX contestava esse momento aguardando poder falar com ela. O facilitador desse encontro respondeu falando que ela estava conversando com sua irmã, ele surpreso contestou “Mas é uma pedra”, e o camarada o respondeu, “Qual é o problema?”. (Krenak, 2019, p.17)

Através dessas concepções, vejo a cura como uma jornada pessoal contínua, uma busca constante para transformar sofrimentos e ciclos autodestrutivos, de maneira integrada. Corpo, mente, espírito e ambiente, interno e externo, pessoal e coletivo. Buscando prevenir adoecimentos, ciclos autodestrutivos que também afetam negativamente meu entorno, já que estes também estão integrados. A saúde e o bem-estar são processos dinâmicos que exigem atenção aos detalhes e às nuances da vida cotidiana.

Assim como em uma paisagem, em que os elementos visíveis não são os únicos existentes e relevantes para o funcionamento daquele sistema (pois coabitam ali componentes não visíveis que operam em atividades mais profundas), todo ser opera numa complexidade única, individual e detalhada que opera de forma integrada. Desta forma, entendo que os meios dos quais utilizo na busca de proporcionar cura para minhas questões, podem não funcionar da mesma forma para todas as pessoas.

Porém, é indiscutível que a atenção integrada aos cuidados com o meio ambiente e com a sociedade é uma necessidade urgente. Diante das emergências sociais e das catástrofes climáticas que enfrentamos, tanto localmente, como na recente inundação em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, quanto globalmente, com o superaquecimento do planeta causado pelo

aquecimento global e pela devastação histórica da natureza, a urgência é evidente. Além disso, as guerras alimentadas por ganância, desejo de poder e controle continuam a causar sofrimento horrendo à população, com destaque para o contexto intensificado entre Israel e Palestina este ano. Esses eventos ressaltam a necessidade urgente de uma abordagem integrada e consciente para enfrentar os desafios que afetam nosso planeta e nossas comunidades.

A questão é que mudar o mundo revelou-se uma tarefa árdua e muitas vezes utópica — intangível e idealizada. As notícias e contextos externos são preocupantes e catalisadores de doenças para a mente e para o corpo. No entanto, existe a possibilidade de transformar a mim mesmo e influenciar positivamente o meu entorno. Ao adotar uma postura de engajamento amoroso e consciente de forma pessoal e coletiva, posso impactar aqueles ao meu redor de maneira significativa.

Permitir-me ser moldado pela sabedoria das pessoas e pelos elementos naturais ao meu redor — como as águas, as plantas, o barro, os pássaros e outros aspectos do mundo natural — que me atravessam e me transformam de forma positiva, é fundamental para esse processo. Essas interações não apenas enriquecem minha vida, mas também atuam como catalisadores para um impacto mais profundo e genuíno em minha esfera de influência. Através dessa conexão e sensibilidade, encontro um caminho para contribuir para um mundo mais harmonioso e equilibrado, pelo tempo que eu puder percorrer por ele.

Durante as viagens, além de admirar e observar atentamente como as árvores se agrupavam, formando um exuberante amontoado verde no horizonte infinito, que, dependendo da estação do ano, alternava entre tons de verde, amarelo, rosa e roxo, graças aos ipês do cerrado, eu experimentava uma profunda calma e um sentimento de pertencimento ao estar imerso nessas paisagens. No percorrer das trilhas e caminhadas nas minhas viagens e travessias até São Jorge (Chapada dos Veadeiros, Goiás), parar ao longo do caminho para contemplar o céu e as montanhas me fazia refletir sobre minha pequenez, aliviando várias preocupações que se dissipavam naquela sublime vastidão. A partir dessas sensações, me colocava a escrever e desenhar sobre isso, o que expandia e perpetuava esses sentimentos.

Nos processos dessa pesquisa, especificamente durante o estágio no projeto Matizes do solo, produzi uma série de pinturas que resgatam as memórias dos momentos em que contemplei as paisagens. Utilizei aquarela e tintas de solo para capturar a essência e a riqueza desses vislumbres. No percorrer da jornada acadêmica, os elementos naturais também aparecem constantemente já fornecendo pistas sobre esses vislumbres nas atividades das diversas disciplinas. Essas obras representam um ponto de partida fundamental para compreender a evolução da minha prática artística ao longo dos anos e como a relação com a natureza influenciou minha visão criativa.

Figura 1 –
**Paisagem de
montanhas da
estrada** (2023). Tu.
Tintas de solo sobre
papel A5. Acervo
pessoal.

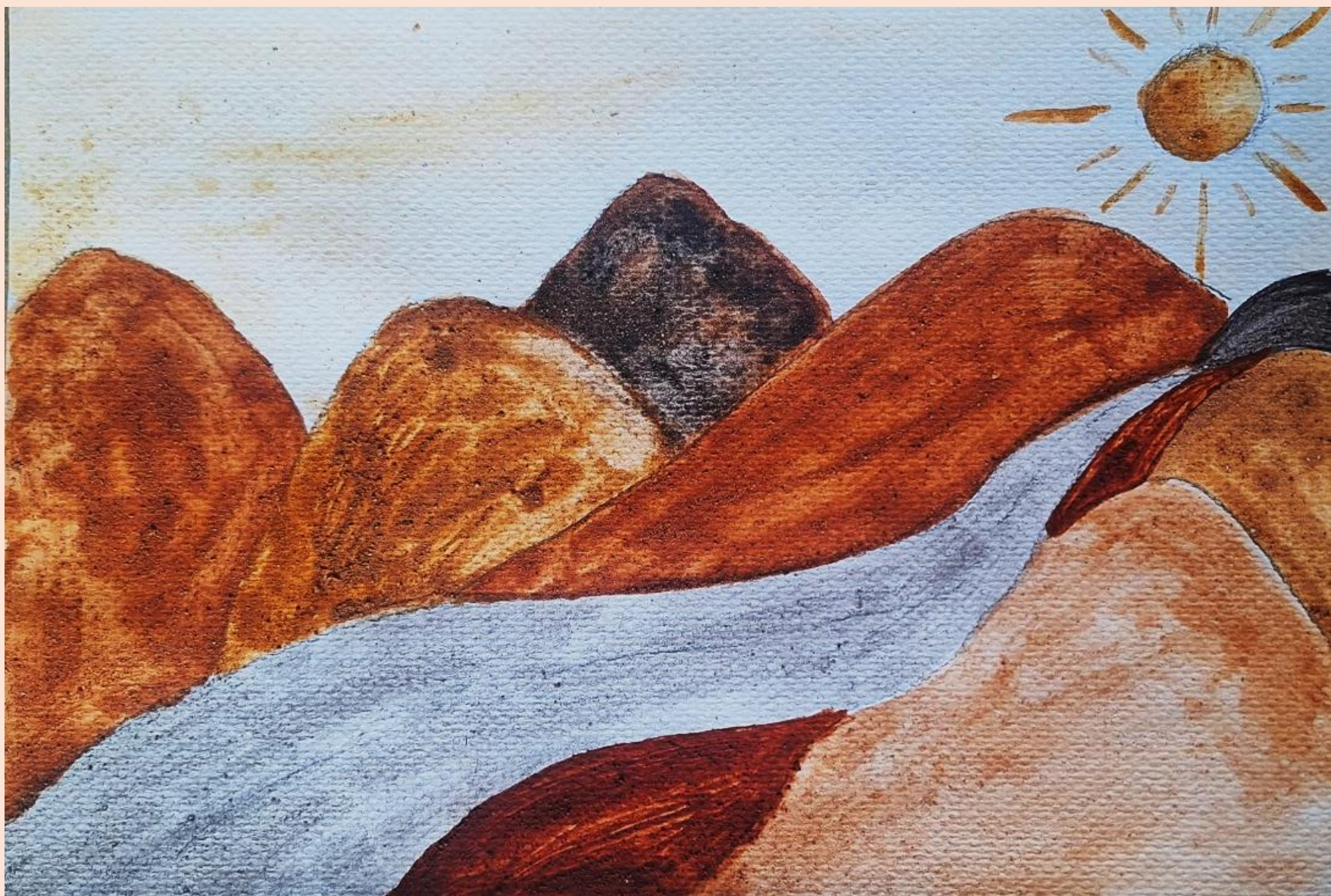


Figura 2 – Paisagem de sensações durante trilhas da Chapada dos Veadeiros (2023). Tu. Cúrcuma (açafraão da terra) e nanquim sobre papel A4. Acervo pessoal.





Figura 3 – **As faces do solo** (2023). Tu. Tintas de solo sobre papel A3. Fotografia de Sabrina Schreiner. Acervo pessoal.

As faces do solo, 2023
Tatyana Nunes Pinheiro
29,7 x 42,0 cm
Tinta de solo sobre papel



Figura 4 –**Cabelos de manjeriçao** (2018). Tu. Giz pastel e nanquim aguado sobre papel A3. Acervo pessoal.



Figura 5 – **Visão de girassóis**
(2018). Tu.A3. Nanquim aguado e
giz pastel oleoso sobre papel.
Acervo pessoal.

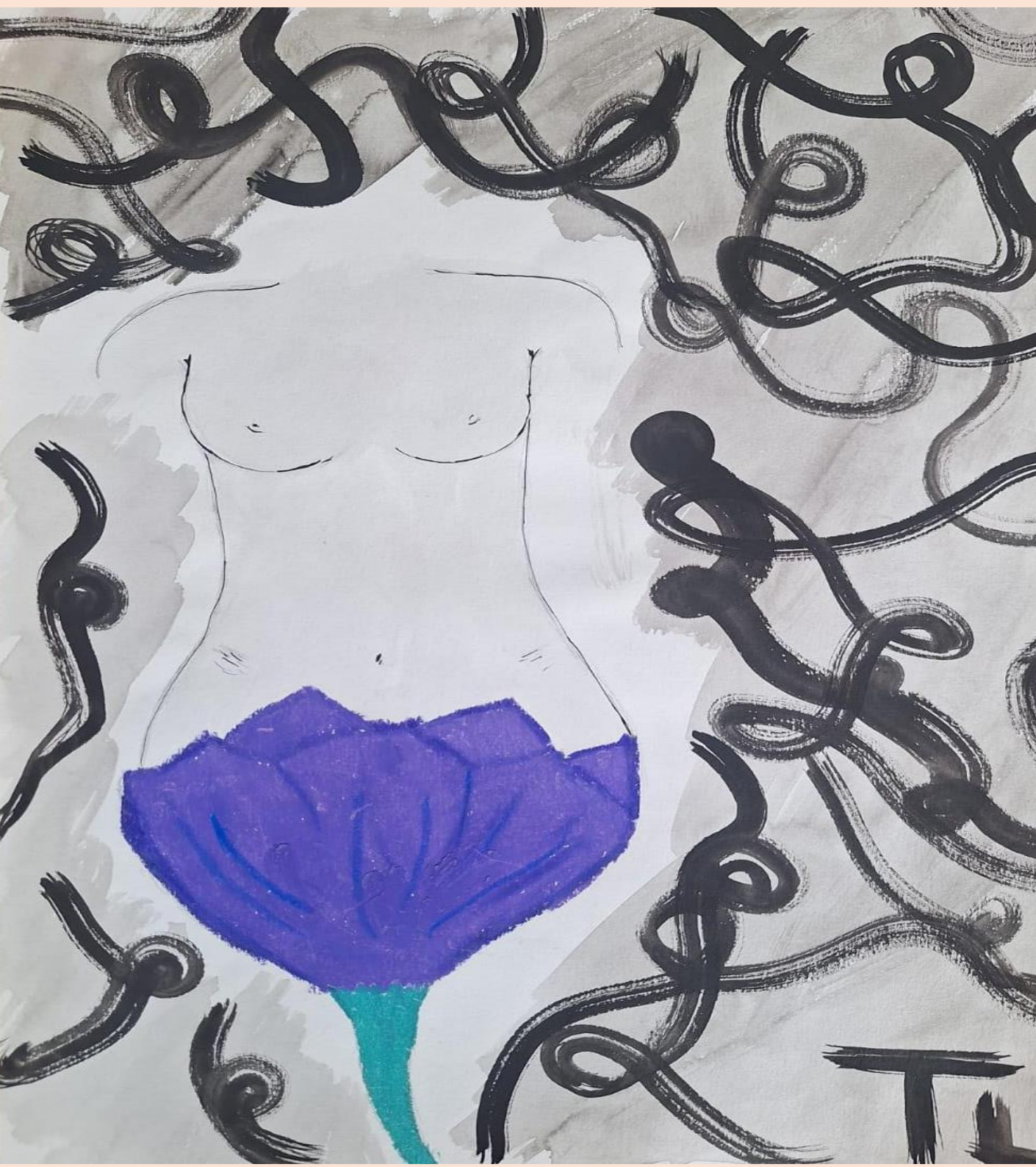


Figura 6 – **Corpo que brota de uma flor** (2018).
Tu. A3. Nanquim aguado e giz pastel oleoso
sobre papel. Acervo pessoal



Figura 7 – **Cabeça que brota de uma rosa** (2018). Tu. A3. Nanquim aguado e giz pastel oleoso sobre papel. Acervo pessoal.

Contemplações e mudanças

*Os tolos que se acham donos de tudo, donos do mundo
Que olham para tudo como se tudo fosse feito para alguma necessidade humana
Como se fosse possível não ser atingido pelo que está em volta
O que está dentro é como o que está fora
E não existe separação entre vidas que coabitam
Mas depois do tanto de máquina, do tanto de muros e torres criadas,
Eles acham que podem se isolar da natureza
E só usá-la quando for do seu querer
Como se fosse possível subir num pedestal e se isolar da vida que nos cerca
Como se a vida, a natureza não pudesse vir e derrubar qualquer barreira, revidar os danos
Subestimando o poder das plantas, da natureza
Como se fossem submissas e inferiores
Pois que tolos os que pensam estar separados
Como se nossa origem não tivesse surgido através disso, somente por isso
Como se não pertencessem ao grande bioma Mundo
Esses tolos ignoram os sinais e advertências
Não é como tratar a natureza como se fosse divina, não é somente sobre isso*

Ela certamente é soberana

Não existiria vida para se viver se não fossem as plantas

E a civilização foi construída na base da destruição

E as pessoas continuam agindo como se não houvesse relação de causa e efeito

Como se não houvesse consequências

Mesmo depois de pandemias e desastres

Elas até culpam a natureza, mas não são capazes de se responsabilizar por suas próprias ações contra ela

E não são capazes de entender, que se o que está fora é como o que está dentro, cuidar do externo é cuidar de si

Portanto, descuidar-se do entorno é sentenciar a doença para si e para o mundo

Não existe separação

Não existe sequer hierarquia

E se existisse, nós com certeza não estaríamos no topo, no poder de decidir o que deve ou não viver

O que serve ou não para estar vivo

Tolos tolos que não veem

Que tudo que se mata, te mata também.

Em Goiânia, local em que nasci e passei boa parte da vida, a contemplação de áreas verdes é possível em pequenos trechos e em áreas muito específicas da cidade. Passar por estes lugares proporciona sensação de frescor e esperança, como o entorno do Campus Samambaia da UFG e os parques e praças da cidade, que são redutos de conservação da biodiversidade. Ainda assim, me entristece acompanhar já há algum tempo, as constantes queimadas criminosas ao longo de todo Cerrado, devastando este bioma incrivelmente rico e diversificado. Esse ano de 2024 é o mais quente e seco já vivenciado e as pessoas não param de atear fogo em resíduos nas matas, o que piora ainda mais a qualidade do ar. Para mim, que convivo com dificuldades respiratórias por conta de um desvio de septo, tem sido muito difícil respirar e manter a esperança é um exercício de perseverança.

Numa reportagem do G1 escrita por Poliana Casemiro, da sessão de Meio Ambiente, consta:

O ano de 2024 deve terminar como o ano mais quente já visto na Terra. A informação foi confirmada pelo centro europeu Copernicus nesta segunda-feira. Novembro de 2024 foi o 16º mês, em um período de 17 meses, em que a temperatura média global da superfície do ar superou 1,5°C de diferença em relação aos níveis pré-industriais. O número é considerado pelos especialistas como limite para evitar consequências maiores para o clima e sobrevivência na Terra. Segundo o centro, após o registro, ainda que dezembro não tenha terminado, é difícil que a situação amenize. Com isso, o ano de 2024 deve ser o mais quente já vivido na terra desde o período pré-industrial, de 1850-1900. (Casemiro, Poliana. *2024 é o ano mais quente já visto na Terra, segundo observatório europeu*. Disponível em: <https://g1.globo.com/meio-ambiente/noticia/2024/12/09/2024-e-o-ano-mais-quente-ja-visto-na-terra-segundo-observatorio-europeu.ghtml> . Acesso em 01 de nov. de 2024).

A partir da minha adolescência, momento em que as capacidades críticas foram mais estimuladas e inicialmente desenvolvidas, tive mais acesso aos portais de notícias, soube através dos relatos que meus amigos e familiares compartilham os acontecimentos dessas tragédias ambientais e observei durante as viagens que ainda acontecem atualmente, mas de forma anual, como a paisagem de travessia até a Chapada dos Veadeiros tem ficado mais acinzentada, e tem se modificando para atender os contextos do desenvolvimentismo. Houve a necessidade de colocarem muitas placas para que o turismo, que cresceu muito na região, fosse feito de forma mais consciente do ponto de vista ecológico, já que a incidência de lixo estava sufocando as cachoeiras e trilhas, para que as pessoas, que costumam atravessar com pressa demais as estradas, reduzissem o ritmo para diminuição de morte dos animais que precisam atravessar as estradas. Isso me causou sofrimento e tristeza profunda com as pessoas, com a sociedade de forma geral, sabe? Mesmo depois de uma pandemia global, as pessoas parecem não ter se atentado para a necessidade de cuidar.

A Chapada dos Veadeiros já foi um refúgio bem pacato, onde eu podia estar com minha mãe aprendendo sobre as plantas que habitavam ali e tinham propriedades curativas. Foi uma dádiva ter acesso aos remédios de Dona Flor do Moinho, erveira e parteira da comunidade do Moinho, no município de Cavalcante, onde ela preparava garrafadas e xaropes medicinais, a partir do seu rico conhecimento. Embora tenha falecido no ano passado, seus ensinamentos reverberam na comunidade e se propagam através de pessoas que aprenderam com ela sobre os poderes das plantas. Ainda guardo as embalagens dos xaropes e das garrafadas, usava muito para dores de menstruação, para aliviar as gripes e sinusites também. Todos os anos acontece o encontro de culturas tradicionais, na cidade de São Jorge, um momento de oportunidade para conhecer pessoas de sabedorias preciosas.

Penso em como a construção das cidades se dá num ímpeto destrutivo, sem harmonia com o habitat já crescente naturalmente. As comunidades tradicionais criaram alternativas de harmonia com o meio ambiente de forma que gera cura, a comunidade do

Moinho é um grande exemplo disso. Vieram de contextos de povos que valorizam a vida da Terra, povos quilombolas, intimamente ligados à terra.

No livro *A terra dá, a terra quer*, Antonio Bispo dos Santos, que foi um importante pensador quilombola do Brasil, conhecido por suas contribuições significativas para a cultura e a educação, especialmente no contexto da relação entre saberes tradicionais e práticas de desenvolvimento sustentável, fala sobre o que é a cidade e sua construção cosmo-fóbica, que sufoca os saberes ancestrais integrados. Ele aponta que a cidade é o contrário de mata, onde os humanos excluíram todo tipo de outras vidas, para se distanciar propositalmente de tudo que é natural, criando um isolamento artificial para suas vidas.

E como é triste perceber que essa ideia de humanidade se distancia da vida. Bispo aponta a cosmo-fobia como o medo criado pelas pessoas para se afastar da terra, das micropolíticas de cuidado coletivo. O trabalho é terceirizado e os saberes fundamentais são desvalorizados, a pessoa que constrói casas não recebe a mesma valorização que o que não sabe construir, mas paga para destruir as matas para fazer prédios e construções totalmente artificiais e poluentes.

“Quando o saber é transformado em mercadoria e hierarquizado, qual é a medida correta que justifica um servente ganhar menos do que um pedreiro?” (Bispo dos Santos, 2023, p.10)

A natureza não somente nos rodeia, mas é uma extensão de nós, da existência humana da qual dependemos e devemos a possibilidade de nosso surgimento, que foi proporcionado somente pela colaboração e funcionamento das plantas, que criaram a atmosfera específica que permite a possibilidade de outras formas de vida na Terra, sobretudo a nossa.

Dessa forma, a terra não nos pertence, mas nós pertencemos à terra. Dependemos de seu equilíbrio e manutenção para nossa existência, enquanto sem nossa existência, ela certamente daria seu jeito de se reequilibrar. A questão é que o processo civilizatório e desenvolvimentista torna o ambiente natural inviável para manutenção da existência humana, já que se utiliza de um intenso e perverso extrativismo, ao mesmo tempo que acelera o ritmo natural vida, para que se corresponda à velocidade

de máquinas propulsoras de enfermidades mentais, adoecimento coletivo. E o que aparenta, é que a maioria das pessoas pouco se preocupa em cultivar cotidianos que gerem alternativas para existência de cidades menos mortas, mais preocupadas com os cuidados coletivos, hortas compartilhadas, separação adequada de lixo.

Pensando nessas questões, de passagens do tempo, mudanças destrutivas, pinteí com tintas naturais uma composição de árvores secas, com solo e cinzas recolhidas das queimadas que ocorrem perto de onde moro. Também escrevi um pouco sobre as transformações, na tentativa de me acolher nesse processo. O processo artístico aparece durante essa trajetória como respiro e tentativa de manter firme meus ideais e propósitos, acessando o que me é valioso e transmutando as preocupações. O momento em que me permito acessar os materiais e sensações durante esse processo, é onde a respiração se acalma e o presente se torna o foco. São nesses instantes que eu me proporciono cuidado e afeto.



Figura 8- **Montanhas com árvores mortas pela queimada** (2023). Tu. Tinta de solo, açafão e cinzas sobre papel A4. Acervo pessoal.

Micropolítica – A semente do amor

*Numa longa viagem para dentro de mim
Adentrei em terrenos nunca acessados
Encontrei sementes esperando por cuidado
Estava ocupado buscando em lugares errados
Terrenos externos, inférteis
Somente fiz germinar
Quando de dentro para fora
Comecei a cavar
Cavar é ir fundo, profundo em si
Descobri um lar
Nas terras que habitam em mim.*

Poema livre 3 – Fugir de si e se encontrar. Tu (2024)

Uma lição importante que aprendi é que valorizar as sutilezas da vida é essencial para transformar o sofrimento. Em um mundo marcado pelas consequências negativas do extrativismo desenfreado, é crucial adotar um estilo de vida que promova a saúde e a preservação do meio ambiente. Esse é o caminho que tem feito sentido para mim. Integrando a vida, através da micropolítica, germinam sementes de amor, de potência social. Respirar profundamente em meio à natureza densa ou prestar atenção às pequenas mudanças no próprio estado emocional, podem ser ferramentas poderosas para promover o equilíbrio interno e a harmonia. Essas práticas simples e muitas vezes negligenciadas ajudam a criar um espaço de autocompreensão e conexão profunda com o ambiente ao redor.

Em um lindo curta-metragem narrado por Ailton Krenak, que se encontra no YouTube, no canal *Selvagem ciclo de estudos sobre a vida*, numa série de flechas, a sexta delas, intitulada Tempo e Amor, fala:

Nada existe em si só

Tudo existe porque há uma dança

O amor é força que mantêm a vida ativa no tempo

Assim é a biosfera, uma sucessão de ações em benefício comum

Tudo participa desse processo

Humanos também integram a conexão

Alguns pelo controle

Outros pela colaboração.

(Krenak, Ailton, Ciclo Selvagem. *Flecha 6 – Tempo e Amor*. 21 de jun. de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PeMBCABxXCQ>. Acesso em 20 nov. 2024).

Tenho me esforçado diariamente para me conectar com o amor através de cada ação. Vejo o amor não como uma idealização romântica, mas como um verbo potente e ativo — um gesto de simplicidade que tem o poder de transformar as pessoas e restabelecer a fé na vida. Essa abordagem prática do amor busca criar impacto real e positivo, reafirmando a importância de ações que cultivam conexão e esperança no cotidiano.

O amor verdadeiro não é uma abstração distante, mas uma prática constante que se manifesta em nosso modo de viver e interagir. A habilidade de amar a si mesmo é fundamental para construir relacionamentos saudáveis e significativos com os outros e todo entorno. Este processo incluiu reconhecer e aprimorar a capacidade de cuidar das necessidades básicas, tanto físicas quanto emocionais, e de manter um senso de equilíbrio entre a vida pessoal e as demandas coletivas.

Como Bell Hooks sabiamente observa em seus escritos sobre o amor, o compromisso com a verdade é essencial para a construção de uma base sólida para o amor. Segundo Hooks, em seu livro *Tudo Sobre Amor*:

O compromisso de dizer a verdade estabelece os fundamentos para a abertura e a honestidade, que são a pulsação do amor. Quando podemos nos ver como realmente somos e nos aceitamos, construímos os fundamentos necessários para o amor-próprio. Todos já ouvimos a máxima: ‘Se você não se ama, não poderá amar mais ninguém’. Soa bem. No entanto, é muito comum sentir certo grau de confusão ao ouvir essa afirmação. A confusão surge porque a maioria das pessoas que pensa não ser digna de receber amor tem essa percepção porque, em algum momento de sua vida, foi socializada por forças fora de seu controle para se ver indigna de amor. Não nascemos sabendo como amar alguém, seja a nós mesmos ou aos outros. (hooks, 2021, p. 93).

A autora destaca que o amor-próprio não é um estado automático, mas algo que deve ser cultivado através da aceitação e da verdade, uma busca. Muitas vezes, carregamos em nós a crença de que não somos dignos de amor devido a mensagens

internalizadas e experiências passadas que moldaram nossa percepção, e isso reverbera nas noções de amor e em todas as outras que envolvem a vida, a forma com que nos comportamos e agimos está intimamente ligada aos contextos aos quais estamos inseridos. Esses sentimentos de indignidade não são inatos, mas resultam de condicionamentos externos que influenciam como nos vemos e como acreditamos que os outros nos veem. Nossa forma de viver pode estar atrelada a um estado automático ao qual inerentemente fomos inseridos.

Para transformar essa percepção sobre o amor e rever nossos comportamentos de forma geral, é necessário um trabalho interno profundo. Isso envolve desconstruir as crenças limitantes e abraçar uma nova visão de si mesmo, uma que reconheça e valorize o próprio valor e dignidade, reverberando isso para cada ação cotidiana, para um cuidado integrado com toda a vida. Esse processo é facilitado pelo compromisso com a verdade, que promove a honestidade consigo mesmo e com os outros. Quando aceitamos nossa própria verdade e somos capazes de nos ver genuinamente, construímos uma base sólida para o amor-próprio e, por consequência, para o amor pelos outros, e é preciso cavar fundo para plantar a semente do amor em si e cultivar cotidianamente para fazê-la crescer.

No meu caso, esse processo se deu tendo em vista que os cuidados cotidianos precisam estar atrelados à atenção com os cuidados ecológicos conscientes. A simples separação do lixo, o cultivar das plantas do jardim, reparar nas sementes encontradas no caminho por onde percorro, descobrir de onde vem essas sementes, como elas podem se propagar, são meus rituais de amor-próprio cotidianos. Experimentar na pintura e desenhos formas de registrar meus vislumbres com a natureza e estar em contato com o barro através da modelagem, são ramificações dessas práticas, que elevam esses rituais a momentos de qualidade comigo mesmo.

Assim como no crescimento de uma planta, amar exige cuidado e tempo, e como apontado acima, nós muitas vezes não aprendemos a fazer isso quando crescemos, dependendo do contexto em que estamos inseridos. Como amar exige um

compromisso em honrar a verdade, busquei conhecer minhas verdades e aflorar minhas convicções, que têm sido construídas e cultivadas através da valorização e do amor pela terra. Isso constrói a minha fé, que fortalece meus dias e guia minhas ações.

Processos de Germinar – Revisitando memórias, cadernos e convicções

“Nascemos imensidão

Perdemos a conexão

Pela doença de ouvir

A voz da falsa razão

Abrindo os olhos sem acordar

Fechando o olho da intuição

Abrimos mão de enxergar

O desabrochar da vida

Obedecer, entristecer

Procrastinar, sem tempo de ser

O que a nossa alma pede

Dentro de nós acumulamos pesos cruéis

Acreditando que é assim que a vida é”

(Germinar - música de Flaira Ferro)

Os desejos e prioridades da minha criança interior foram cruciais para moldar minhas convicções, fortalecer meus sonhos e aprofundar minha conexão com a arte e o mundo ao meu redor. Em homenagem a essa criança, escolhi trilhar o caminho artístico, explorando suas diversas formas e expressões. A micropolítica foi a descoberta da potência das escolhas e gestos cotidianos, que traçam as teias da vida rumo ao que ressoa com tais. Em seu livro *Da política às micropolíticas*, Katia Kanton nos aponta:

“Artistas e pensadores substituem a noção de Política, com “P” maiúsculo mesmo, pelas micropolíticas – a saber, uma atitude focada em questões mais específicas e cotidianas, como o gênero, a fome, a impunidade, o direito à moradia, a ecologia, enfim, tudo aquilo que nos diz respeito e faz viver em sociedade.” (Kanton, 2009, p.15)

Na infância, eu encontrava consolo e criatividade na natureza, brincando no quintal e imaginando mundos mágicos, onde as plantas conversavam comigo e escutavam tudo que eu tinha a dizer. Esse espaço sempre foi profundamente significativo para mim, o quintal. Abraçar minha criança interior tem sido uma maneira de voltar à minha essência mais genuína e honrar seus sonhos. Ignorar essa conexão essencial comprometeria meu bem-estar e autenticidade. Escolhi ser artista para celebrar e manifestar os vislumbres da infância que moldaram minha trajetória. Em uma passagem do poema *Sobre importâncias*, da obra de *Memórias inventadas – a segunda infância* de Manoel de Barros, se diz o seguinte:

“Que a importância de uma coisa há de ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós.” (de Barros, 2008, p.43)

A partir do momento em que dou atenção às sutilezas dos atos cotidianos, que me encantam desde a infância, elas começam a florescer em meu caminho, se tornando de extrema importância para meus processos. A forma como caminho e conduzo meus passos pelo mundo é a partir do que é importante para mim, e me mover através do amor reverberado em cada ação cotidiana faz parte disso.

Foi no ímpeto de praticar as micropolíticas e disseminar minha arte de forma ainda mais consciente que iniciei o projeto com as plaquinhas de compensado de madeira reutilizadas, quando surgiu o meu principal projeto em 2019, o Espelho da Alma, que proporcionou muito mais ao longo do tempo. Nesse início, ao mesmo tempo que pensava no reaproveitamento desse material, que era descartado e queimado pelos marceneiros, também queria disseminar ideias que foram importantes para o meu crescimento pessoal por meio dessas plaquinhas que serviam como um lembrete dessas reflexões, máximas e palavras que permitiam um aconchego em dias difíceis.

As frases e desenhos que ocuparam essas plaquinhas que tinham diversos tamanhos e formas, vieram principalmente de cadernos pessoais que tenho desde 2016, mencionados antes. Eles contêm os primeiros desenhos, frases de músicas e máximas de filosofias que de alguma forma me enraizaram à vida num momento turbulento que foi a adolescência. A continuação e expansão desses pensamentos por meio da pintura nos compensados de madeira, reverberaram num gesto de amor-próprio e coletivo. Quando as pessoas tinham acesso às plaquinhas, dialogavam comigo, aconteciam trocas sobre suas reflexões, compartilhamentos de sentimentos, perspectivas e gostos. Escolhi utilizar a tinta PVA fosca, porque além de ser uma opção mais acessível em termos de preço, tem uma secagem rápida. A finalização era feita com verniz spray.

A arte se mostrou um portal para que sementes fossem jogadas e cultivadas, para que compartilhamentos se fizessem presentes diariamente, pois o contato com o outro nos mostra um tanto de novas possibilidades e reflete na nossa própria natureza. O espelho serve para refletir perspectivas visuais, muitas vezes de forma enganosa e falsa, pois através das lentes dos olhos, cada um pode ver somente o que quer, dependendo da quantidade de luz e da qualidade da visão. Entretanto, o espelho da alma vem na dimensão de ver e reparar, desnudar as cascas e o aparente para atingir o profundo que mora no inconsciente, nas inúmeras tentativas de mergulhar cada vez mais fundo dentro de si para prosseguir no eterno cultivo da própria natureza. De atingir a essência em seu mais elevado e genuíno estado.

Dando sequência às buscas por reconexão com a natureza e meios alternativos de existência, entrei em um projeto lindo no ano de 2018, mesmo ano em que comecei o curso de Artes Visuais na UFG. O projeto consistia na reunião de voluntários para construção de hortas urbanas na cidade de Goiânia e arredores, em instituições como escolas públicas e clínicas de apoio à saúde mental como CAPS. A ONG responsável se chama Ecomamor, e ter participado de suas ações foi muito crescente na minha trajetória. Conheci pessoas preocupadas com a terra, conheci espécies de plantas comestíveis diversas bem fáceis de se adaptar nos quintais, aprendi a capinar e plantar, me senti parte de algo maior. As concepções de confluência, segundo Antonio Bispo dos Santos, em seu livro *A terra dá, a terra quer*, contemplam muito esses compartilhamentos da jornada.

Quando apresentei essas sementes, essas imagens, essas palavras germinantes, eu tinha a impressão de que a palavra biointeração germinaria mais do que as outras, tanto é que me esforcei muito nesse sentido. Mas o que aconteceu foi que a palavra que melhor germinou foi confluência. Não tenho dúvida de que a confluência é a energia que está nos movendo para o compartilhamento, para o reconhecimento, para o respeito. Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece. Quando a gente confluncia, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente - a gente rende, que aumenta, que amplia. (Bispo dos Santos, 2023, p.4)

Revisitando as fotos do meu celular em busca de imagens de trabalhos acadêmicos, encontrei registros de 2019 de sementes aladas que eu encontrava e admirava durante minhas caminhadas. Recordei as aulas de biologia do ensino médio, especialmente as de botânica, onde o professor explicava a propagação dessas sementes. Com sua estrutura semelhante a asas, elas se espalham pelo vento, alcançando distâncias maiores ao cair das árvores. Isso me fez refletir sobre como sempre me encantaram tanto as paisagens amplas quanto as pequenas maravilhas do caminho, que trazem sutileza e alegria ao meu

dia. A forma como essas sementes se espalham, percorrendo longas distâncias, até que pousam em outros cantos para germinar, me encanta no sentido de perceber que até as plantas, da sua forma, fazem longas viagens por esse mundo, confluem com os ventos e as águas, pois as que não possuem asas, também percorrem distâncias através da água, do bico dos pássaros, das fezes de outros animais. As plantas acham seus cantos e resistem até entre o concreto das mórbidas cidades.

Essa lembrança é particularmente significativa, pois a coleta de sementes tem sido uma prática recorrente na minha pesquisa artística. Recentemente, em agosto de 2024, comprei um livro extenso sobre sementes brasileiras, *Sementes e mudas – guia para propagação de árvores brasileiras*, de Carlos Nogueira Souza Júnior e Pedro H.S. Brancalion. Tenho me divertido identificando e germinando as sementes que encontro em minhas caminhadas. Houve um momento de muita insegurança durante os processos de pesquisa, em não validar a forma como eu conduzia essas sementes durante minhas vivências artísticas. Em várias ocasiões, essas sementes foram distribuídas após performances, inclusive em uma ocasião muito especial, no colégio CEPAE, a convite de minha querida amiga e intelectual, participante da banca, Jocy Meneses. Foi a partir de conversas e trocas com Jocy que eu inclusive fui capaz de reconhecer o valor desse ato de compartilhar sementes, dessa disseminação, que isso é minha manifestação de arte e então fui encorajado a assumir como obra de arte valorosa e assim o faço aqui.

A insegurança que permeou minhas reflexões por um tempo, e que também se fez presente ao longo da pesquisa, tem suas raízes nas limitações impostas por grande parte da academia na definição de arte. Em diversos momentos da minha trajetória acadêmica, me vi na necessidade de me posicionar com firmeza para afirmar o valor das minhas propostas de arte integrada, diante da tendência de tentar encaixar tudo em categorias rígidas. Muitas dessas pessoas, de pensamento restrito, acreditam que é necessário separar de maneira estrita áreas como arte, política, ecologia, entre outras, tratando a arte como se fosse algo isolado da sociedade, do cotidiano e dos contextos em que se insere. Em suma, suas abordagens fragmentam a realidade,

e houve momentos em que eu mesmo duvidei da potência de minhas ideias, especialmente aquelas que desafiam as normas e abrem novas possibilidades para viver a arte e apresentá-la ao mundo.

Felizmente, tive a oportunidade de contar com a presença de pessoas que pensam de forma diferente, como alguns professores e colegas, que foram essenciais para que eu mantivesse minha convicção ao longo dessa jornada. Docentes que, ao trazerem referências de artistas e textos, me ajudaram a enxergar a importância de questionar as limitações impostas pela academia e a abraçar uma visão mais ampla e integrada da arte. Fizeram isso porque acreditam também que a arte não se dissocia da vida. Além disso, busquei me conectar com pessoas de outras áreas do conhecimento, ampliando minha perspectiva e enriquecendo minha trajetória. Esses encontros e trocas de ideias foram fundamentais para fortalecer minha confiança nas possibilidades de transformação que a arte pode proporcionar.

O Neoconcretismo, inclusive, ao rejeitar a rigidez do Concretismo e propor uma arte orgânica, sensorial e aberta à participação, desafia o modelo acadêmico tradicional. Enquanto os artistas neoconcretos buscavam integrar a arte à vida, dissolvendo fronteiras entre o erudito e o popular, a academia frequentemente opera de maneira oposta: isolando-se em discursos especializados e inacessíveis, distantes das realidades sociais que podem enriquecer o saber. Essa distância reforça uma visão elitista do conhecimento, que muitas vezes ignora os saberes informais, a cultura popular e as vivências de comunidades historicamente marginalizadas.

A contradição torna-se ainda mais evidente quando se considera que a academia promove, em seu discurso, a ideia de interdisciplinaridade e impacto social, mas frequentemente falha em praticá-los. Em vez de fomentar interações orgânicas entre áreas do conhecimento, estabelece barreiras institucionais e epistemológicas que dificultam a integração. Da mesma forma, o relacionamento com as comunidades é limitado por uma postura que tende a instrumentalizar essas relações, tratando-as como objetos de estudo em vez de parceiros de diálogo.

Os artistas neoconcretos, como Hélio Oiticica, Lygia Clark e Lygia Pape, oferecem um contraponto poderoso a essas limitações. Suas obras questionam o papel do espectador, convidando-o a participar ativamente do processo criativo, e levam a arte para fora das instituições formais, alcançando ruas, praças e comunidades. Essa atitude implica uma crítica implícita à segregação dos espaços culturais e à hierarquia do saber, mostrando que o conhecimento — assim como a arte — é um fenômeno vivo, coletivo e transformador.

Artistas contemporâneos, como Dalton Paula, vêm traçando novas possibilidades e caminhos para a arte, em uma confluência rica com a comunidade. Seu trabalho é marcado pelo fomento a diversos projetos sociais, estabelecendo diálogos com escolas, comunidades mais afastadas e residências artísticas. O espaço Sertão Negro, criado por ele, se destaca como um potente centro cultural, artístico e ecológico, onde a arte se entrelaça com a realidade social e ambiental, promovendo uma interação profunda entre a criação artística e o território que a acolhe. Participar das mostras de filmes, ateliês abertos e oficinas é sempre muito enriquecedor. Isso demonstra como a arte pode ser um veículo de transformação, empoderando e conectando pessoas de diferentes contextos e origens.


Salissa Rosa também é uma artista que propõe novas possibilidades e caminhos para a arte, sempre em sintonia com as comunidades e contextos sociais ao seu redor. Seu trabalho se distingue pela busca incessante de diálogo com diferentes públicos, em especial com aqueles que muitas vezes estão à margem dos circuitos artísticos tradicionais. Salissa tem se dedicado a projetos que fomentam a reflexão sobre questões de identidade, pertencimento e resistência, desenvolvendo ações artísticas que se conectam com escolas, comunidades periféricas e grupos em situação de vulnerabilidade.

Enfim, minha fé na arte integrada foi restaurada pelo contato com as pessoas que, com suas visões e ações, demonstraram que é possível pensar a arte de maneira mais ampla e conectada com a realidade. O apoio de amigos, professores e artistas que valorizam a troca entre diferentes áreas do conhecimento, e que compreendem a arte como uma prática viva e transformadora, fortaleceu minha crença de que a arte pode, sim, ser um instrumento poderoso de transformação social e

pessoal. Esse encontro com pessoas que compartilham da mesma visão foi fundamental para me manter firme em minha jornada criativa.



Figura 9 - **Lótus brotando de um corpo** (2019). Tu.
15x15cm. Tinta PVA sobre mdf. Acervo pessoal.

A hand is holding a square yellow artwork. The background is a bright yellow with a sunburst pattern of golden rays. The text is written in a black, cursive, handwritten style. The text reads "Tem que se amar primeiro." with the letter 'e' in "se" positioned below the 'q'.

Tem que se
amar primeiro.

Tu

Figura 10 – **Tem que se amar primeiro** (2019).
Tu. 15x15cm. Tinta PVA sobre mdf. Tu (2019).
Acervo pessoal.

Figura 11 – **Quero me curar de mim** (2019).
30x23cm. Tu. Tinta PVA
sobre mdf. Tu (2019).
Acervo pessoal.





Figura 12 - **Autorretrato com lótus no pesçoço.**
(2019). Tu. A4. Caneta bic e marca-textos sobre
papel do caderno de desenhos e reflexões. Acervo
pessoal.

Figura 13 - **Árvore frondosa do caminho** (2023). Tu. A5. Lápis de cor metálico sobre papel do caderno de desenhos e reflexões. Acervo pessoal.



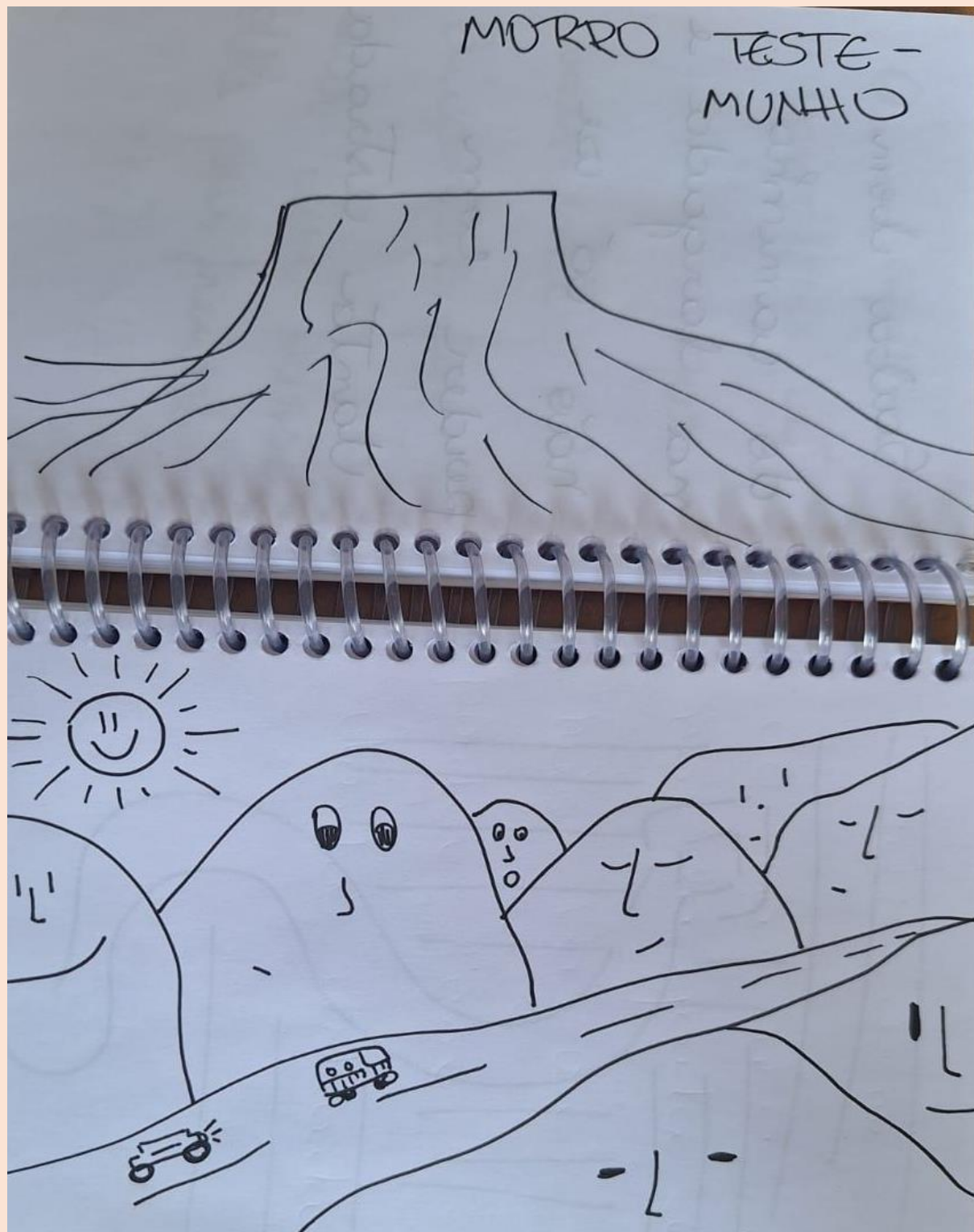


Figura 14 - **Montanhas dormem e morro testemunho** (2023).
Tu. A5. Nanquim em papel do caderno de desenhos e reflexões.

Figura 15 - **Sementes aladas na palma da mão** (2024). Fotografia de Tu. Sementes coletadas em trilha na cachoeira do Rosário, em Perinópolis-GO.





Figura 16 –
**Experimentações
integrativas (2024).**
Fotografia de Tu.
Sementes de tento,
olho-de-boi e coquinhos,
sementes aladas ao
fundo, cerâmicas
autorais e cobra coral
modelada em biscuit e
pintada com tinta PVA.

Figura 17 - **Semente de imensidões** (2024). Fotografia de Tu. Mão segurando sementes aladas de peroba-cetim, conhecida popularmente como orelha de elefante, ao fundo, o céu.





Figura 18 – **Experimentação de composições integrativas com sementes** (2024). Tu. A4. Mão esquerda desenhada com carvão a partir da observação da minha própria mão, semente coletada nas ruas sobrepondo a mão.



Figura 19 – **Experimentação de composições integrativas com sementes 2** (2024). Tu. A4. Mão esquerda desenhada com carvão e latossolo (solo vermelho) a partir da observação da minha própria mão, sementes variadas coletada nas ruas sobrepondo a mão. Experimentação de composições integrativas com sementes.

Mais amor, confluências e sabedorias das plantas

Virei vertente

Eu me tornei um divisor de águas, criando minhas próprias vertentes

Entendendo o movimento da vida, pude deixar com que os pedaços de mim fossem levados com as águas que desaguavam da ponta da minha cabeça, por todas as direções do meu corpo

Por cada canto que passava, se encarregava do que ia e do que ficava

A paz foi encontrada em confiar que o fluir natural desse movimento era de pura sabedoria

Deixar ir é confiar que o rumo que se segue é fluxo natural

É entender e aceitar que nada permanece imóvel, fixo

É permitir que o sofrimento também se vá

Diminuir o ritmo da respiração e confluir com a dança do transformar.

Poema livre 4 –Virei Vertente. Tu (2024)

Descobri que o amor é rio que *corre, conflui e transflui*, concepções concedidas pelos saberes (já mencionados) de Nego Bispo. O amor é como água que leva tudo que existe em seus movimentos, curando e se transformando a todo momento. O amor abrange tudo que existe à nossa volta, desagua de dentro e transborda. Nas águas das cachoeiras eu escutava conselhos de tranquilizar meu coração, para deixar ir tudo que parecia não se encaixar organicamente na minha vida. Houve um momento que o medo comandou meu sistema neural, travando meus movimentos, impedindo-me de fluir. Não existia a consciência de que tudo se move para algum lugar, se encontra e se move, ou no mesmo sentido ou em sentidos opostos, vários sentidos são possíveis nessa grande dança cósmica.

A artista Ana Mendieta é uma grande referência para mim pois através de seus trabalhos eu pude contemplar como a artista imergia e constantemente utilizava dos elementos naturais para compor seus trabalhos. A série "Silhuetas", por exemplo, criada entre 1973 e 1980, é uma obra profundamente ligada ao corpo integrado à natureza. Nessa série, Mendieta utiliza sua própria silhueta como um elemento central, fazendo impressões em solo, areia e terra, muitas vezes incorporando elementos naturais como folhas, flores e pedras. Essas obras refletem uma conexão visceral entre o corpo e a terra, sugerindo uma busca por raízes e pertencimento, o que remete à história pessoal da artista, mas também ressoa nos diálogos sobre não sermos um corpo isolado da natureza, mas pertencente a ela. Ademais, a artista também trazia à tona questões sobre gênero em outros trabalhos.

A silhueta que a artista faz na areia da praia, próximo ao mar, é a minha favorita. Me faz pensar sobre a transitoriedade e movimentos potentes da água, capazes de engolir nossas marcas sobre o chão e levar para a imensidão o que estiver pela frente. O mar possui uma força descomunal e poderosa, capaz de causar desastres de grande impacto e isso é uma das comprovações da fragilidade de nossa existência.



Figura 23 – **Série de Silhuetas** (1978). Ana Mendieta.
Fotografia de obra por Pauline Rosen-Cros. Disponível em:
<https://dasartes.com.br/materias/ana-mendieta/>.
Acesso: 05 out. 2024.



Figura 24 – **Corpo terra**, 1976. Ana Mendieta. Série de Silhuetas, México.
Disponível em: <https://dasartes.com.br/materias/ana-mendieta/>. Acesso em 10 set.2024.



Figura 25 – **Corpo terra**, 1976. Ana Mendieta. Série de Silhuetas, México. Disponível em: <https://www.artnexus.com/en/magazines/article-magazine-artnexus/5d6322d690cc21cf7c09efca/55/ana-mendieta>. Acesso em 10 set.2024.

Felizmente, houve no percorrer de meus caminhos a tentativa de conectar os acontecimentos da vida com os conselhos da espiritualidade, com os movimentos da natureza e os atos cotidianos, vivendo diante da consciência de integração para tornar a vida mais suportável, com significados que movimentam a esperança através da fé. Frequentar terreiros de umbanda e de candomblé, experienciar meses de cura no umbandaime, e conversar com as entidades durante os trabalhos, apreendendo conselhos, foi de muita importância no decorrer da minha jornada. Embora eu não esteja mais firmado em um terreiro neste momento por necessidades de administração de tempo, firmo minhas preces, acendo minhas velas e cuido de minha cabeça e do meu corpo seguindo as instruções que me foram dadas pela espiritualidade.

Aprender a ser água foi permitir primeiro que os sentimentos desaguassem pelos olhos, parar de segurar o choro por achar que segurar esse choro era sinônimo de força. Amar a terra e as plantas deu sustento e amparo. Foi preciso permitir também que o ciclo natural seguisse seus rumos por onde precisassem fluir, deixar ir o apego às dores (que acontece de forma desintencional), e romper com a couraça formada pelos traumas, na tentativa de evitar a repetição das violências sofridas. Estar nas cachoeiras do Cerrado, imergir o corpo na água gelada, dava um susto nos pesos espirituais, deitar a cabeça na queda d'água me faz sentir massagear os pensamentos, sentir ir embora tudo que gera apego e estagnação. No livro *A terra dá, a terra quer*, citado anteriormente, Antonio Bispo traz a água como esse elemento de conexão, integração e fluxos.

A água não reflui, ela transflui e, por transfluir, chega ao lugar de onde partiu, na circularidade. Ou seja, ela vai na correnteza, encontra outras águas, fortalece-se na correnteza, mas ao mesmo tempo evapora, percorre outro espaço em forma de nuvem, e chove. A chuva vai para outros lados, mas também volta para as nascentes. As nascentes saem do Cerrado e vão confluindo. (Bispo dos Santos, 2023, p.31)

Minha relação com a espiritualidade sempre ocorreu de forma bem orgânica, de modo que os ensinamentos sobre a vida eram dados a partir de conexões estabelecidas com a natureza e seus fluxos, por meio de sonhos e conversas com as entidades dos terreiros que eu frequentava e ainda frequento. Lembrar de estar presente no presente, que todo amor é sagrado, que o tempo é unidade de medida de valor que colocamos para as coisas, para as pessoas, o tempo é energia potencial poderosa. Perceber a presença da reciprocidade, pensar nos motivos de suas ações, no que move suas esperanças e dá sentido para fruir e fluir a vida.

Um dos conselhos mais preciosos que já recebi, veio de um preto-velho, pai José. Estávamos conversando sobre ansiedade, o medo do que pode acontecer, as incertezas que tanto me afligiam. Ele me disse que o cuidado da mente é como o cuidado da casa, tem que ser feito todos os dias. Esse conselho não só fala sobre a importância de ter um autocuidado diário, mas também reforça a convicção de que o que está dentro reverbera no que está fora, e vice-versa. Carrego comigo essas palavras, que não deixei de anotar em um de meus cadernos queridos. Segui com os banhos de boldo que me foram indicados para fazer por uma semana.

O cuidado com as plantas também inclui observações cotidianas, e erva é reza, remédio. Ao mencionar o amor pelas plantas, não há como esquecer de mencionar a influência de minha avó, com quem passei a maior parte do tempo durante a infância. Apesar de ser uma pessoa estressada e impaciente devido ao passado difícil que enfrentou, percebo que as plantas que cultiva há muitos anos, com muito apreço no seu jardim, proporcionam alívio e paz para suas inquietações, é a forma como ela vivencia o amor. Foi com ela que eu aprendi que o açafraão nos machucados ajuda a estancar o sangue da ferida e impede inflamações,

que chá de Guaco ajuda com os sintomas gripais e que babosa tem propriedades hidratantes para o corpo, cabelos e queimaduras. Além de ser bióloga, possuía gosto pelas filosofias orientais, que proporcionam ainda mais sabedorias holísticas.¹

Por mais que ela não tenha concordado com o rumo que escolhi profissionalmente, temendo ser o caminho de um artista muito incerto, árduo e deslegitimado, ela sempre valorizou os saberes das manualidades. Está sempre aprendendo algo novo, cultivando as plantas, reformando móveis, modelando argila, reciclando até vidro para fazer peças criativas, cultivando um quintal imenso e cheio de diversidades de orquídeas e cactos. Isso me inspirou e me influenciou muito.

Demorei um pouco para começar o meu próprio jardim, mas logo que comecei, com quatro pés de salsa, fui muito apoiado por minha avó, que me doou várias plantinhas ornamentais e comestíveis para compor minha criação de quintal. Durante os anos de pandemia, cultivar as plantas no meu jardim tirava a minha atenção da preocupação com a morte para a possibilidade de cultivar vida. Regar e cuidar das plantas foi uma descoberta de atenção plena que posso afirmar, salvou meus dias e continua sendo um momento de compartilhamento com a terra e de aprendizados sobre cuidado, amor e tempo.

Durante as imersões nos processos práticos da pesquisa, passei ainda mais tempo contemplando as plantas de meu quintal, reparando suas especificidades, suas formas e cores. Iniciei alguns desenhos aquarelados em meus cadernos, que retratam essas plantas e utilizei giz pastel para compor outros. A escolha desses materiais se deu pelo fato de que com a aquarela, é possível brincar com o fluir da tinta com a água e chegar em resultados incríveis em termos de efeitos com as manchas. O giz pastel foi utilizado numa tentativa de experimentação do material, o giz em si me remete muito à infância e calhou que o resultado foi bastante satisfatório. Para os desenhos com giz, utilizei o papel kraft e me agradou muito o destaque que as cores tiveram nesse suporte. Além disso, a cor do kraft tem tudo a ver com a atmosfera mais orgânica das plantas.

¹ O termo "holístico" refere-se a uma abordagem que considera o todo em vez de apenas suas partes isoladas. Em um contexto holístico, o foco é entender como todos os componentes de um sistema interagem e se inter-relacionam, formando um conjunto integrado e complexo.

Tive a oportunidade de nascer em uma família de crenças diversas, de forma que pude vivenciar diversas perspectivas do mundo, do universo, guardando no coração o que fazia sentido para minha individualidade. Minha mãe escolheu meu nome inspirada por uma história do Bhagavad Gita, que, por confluência, é também o nome de uma planta. Vrinda Devi era uma princesa devota, que Krishna transformou em Tulasi Devi, uma planta sagrada na Índia (para os hindus e Hare Krishnas), para eternizá-la. Tulasi, adorada por todo o universo, simboliza a devoção sincera e é considerada a deusa de todas as plantas e árvores, ela cumpriu com devoção seu papel no mundo material, cuidou de tudo que havia em sua volta. Minha mãe, que fazia oferendas a Tulasi todas as noites, escolheu esse nome para mim porque ele significa "incomparável" e está associado ao amor pelas plantas, animais e pelo cuidado.

No dia 11 de setembro de 2024, realizei a performance *Mudinha de Esperança*, durante a disciplina de Performance e Poéticas do Corpo (FAV0659), acompanhado de uma muda da planta Tulasi Devi, mais conhecida como manjericão sagrado. A origem do meu nome me inspira a seguir o caminho da terra, das plantas e do amor. Durante a performance, cavei com as mãos um buraco na terra para abrigar a mudinha de Tulasi, enquanto cavava e alojava a planta em seu novo solo, cantava o seguinte trecho que escrevi:

“Plantei na terra uma mudinha de esperança, para ver se cresce em mim a semente da mudança.” (Tulassy, 2024)

Cantei repetidamente até que terminasse o plantio, afofei a terra e depusitei água. Ao fim, ofereci sementes para quem quisesse pegá-las de minhas mãos. Enquanto cantava "Plantei na terra uma mudinha de esperança, para ver se cresce em mim a semente da mudança", cada palavra reverberava dentro de mim como um desejo genuíno de transformação. A terra, para mim, não era só um solo físico, mas representa meu próprio ser, meu espaço interno, pronto para acolher essa semente de mudança e cultivá-la.

No final, ao oferecer sementes de Tulasi para que as pessoas pegassem de minhas mãos, eu estava compartilhando mais do que um gesto simbólico. Eu estava convidando cada pessoa a levar consigo um pedaço dessa esperança, a plantar sua própria mudança, a cuidar e nutrir algo novo dentro de si. A partir daquele momento, o ciclo não era mais só meu — ele se expandia, criando uma teia viva de possibilidades, onde cada semente, em cada mão, carrega a promessa de transformação.

A partir do cultivo de meu jardim, pude cotidianamente colher ervas calmantes, como capim-cidreira e hortelã. Colher essas ervas para o consumo de chás relaxantes se tornou um importante ritual de autocuidado e ato de amor por mim mesmo, isso faz toda diferença no meu dia. Sonho com o dia de morar bem no meio de uma vasta floresta, onde não haverá distinção entre quintal e toda vegetação do horizonte, com muitas frutas para serem colhidas direto das árvores, uma grande diversidade e verduras e legumes plantados e cuidados por mim. Enquanto isso, continuo aumentando as vidas verdes de meu jardim.

Figura 20 – **Escutar as águas.**
(2019). Fotografia de meu corpo
nas águas do Rio Vermelho Goiás-
GO. Autor desconhecido.

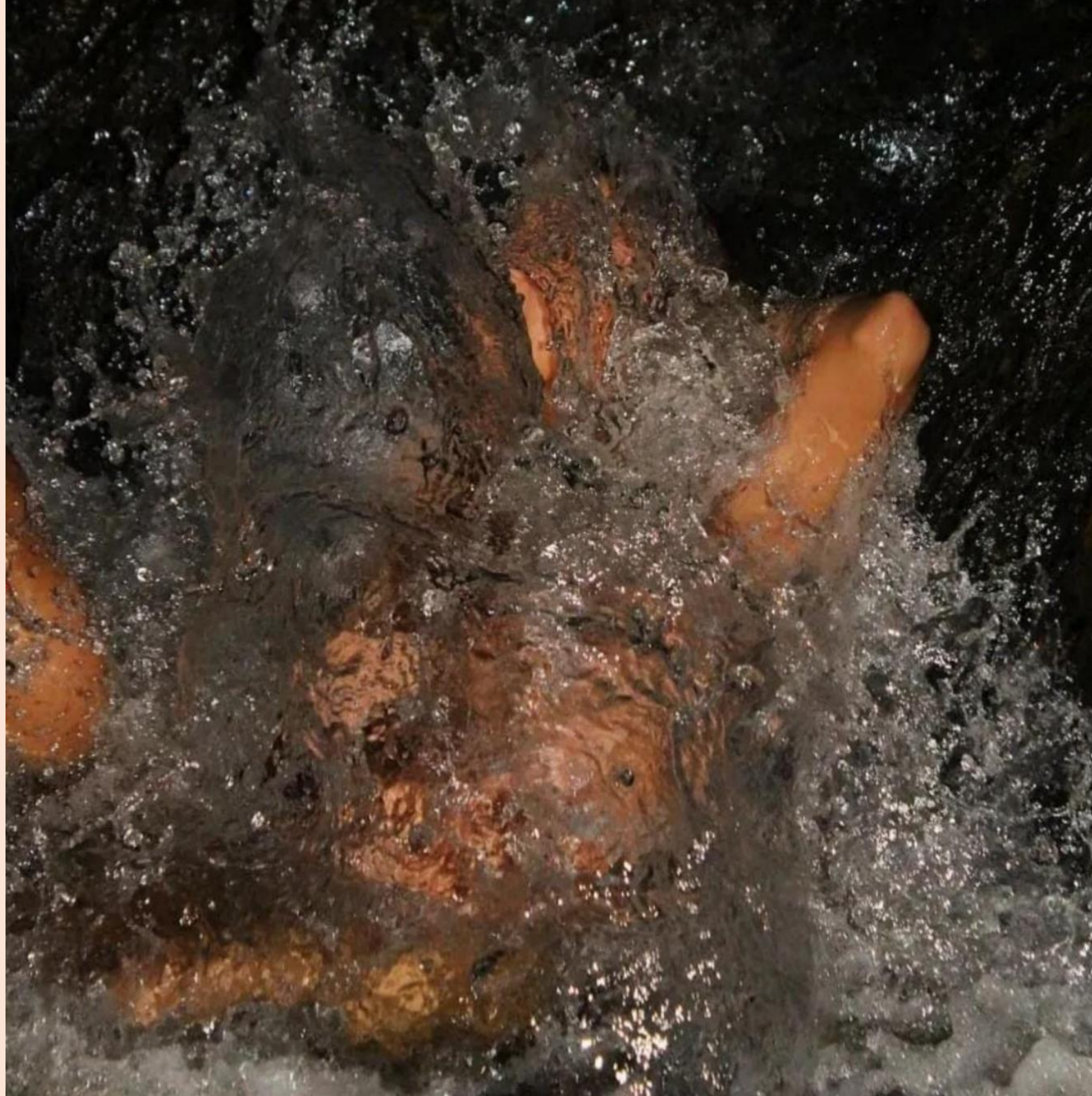




Figura 21 -Registros de meus cultivos de quintal durante pandemia (2020).
Fotografia de Milena Nunes.

Figura 22 – **Performance Mudinha de Esperança** (2024). Tu.
Fotografia de Gleici Souza.





Figura 26 – **Aloe Vera** (2024).Tu. Desenho aquarelado de plantas do quintal sobre papel 300g A4.

Figura 27 – **Chá de majericão** (2024). Tu. Desenho aquarelado de plantas do quintal sobre papel 300g A4.



Figura 28 –
Coléus (2024).
Tu. Giz pastel
sobre papel kraft
A5. Acervo
pessoal.

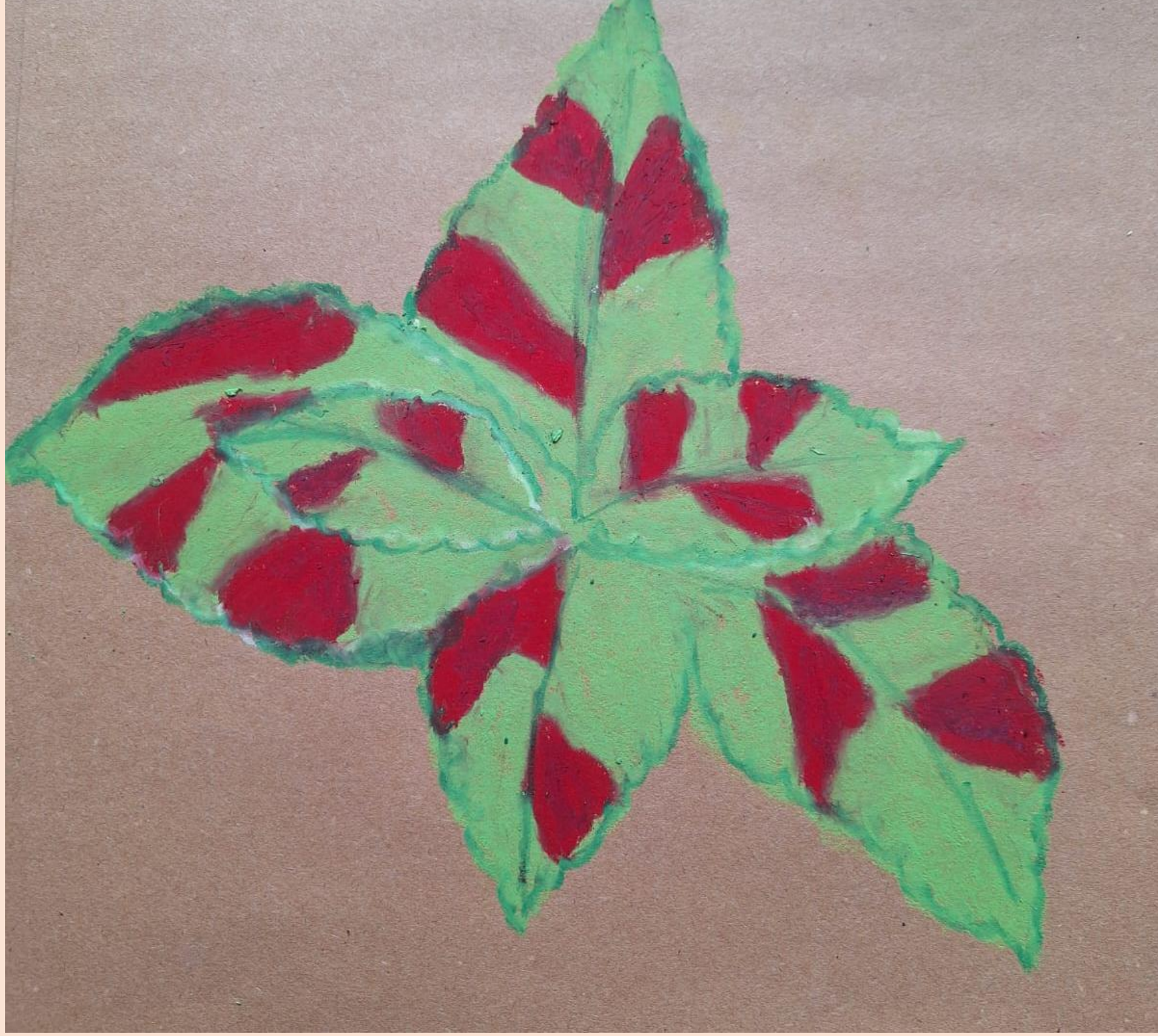




Figura 29 – **Capim cidreira** (2024). Tu. Giz pastel sobre papel kraft A5. Acervo pessoal.

Figura 30 – **Philodredon ap.**, 2024. Tu. Giz pastel sobre papel kraft
A5. Acervo pessoal



Cerâmica - Terra, água, fogo e ar

Estive aqui

Andei por esse chão

Me alimentei dessa terra

Modelei minhas poesias

Desfrutei da paisagem na caminhada

Plantei e colhi

Me alimentei do que prosperou das sementes de amor

Amei, chorei, aprendi

Procurei por mais sementes

Propaguei amor

Estive e permaneço

Um dia hei de não mais estar

Não mais sobre o solo

Mas dentro dele, permanecerei

Retornarei como flor e como sementes

Que vão voar, vão germinar

Prosseguirei por essa terra em transformação.

Poema livre 5 – Estive aqui e permaneço. Tu (2024)

Aos 17 anos, no início de 2018, decidi me aventurar no curso de modelagem em cerâmica, o que marcou meu primeiro contato com a argila e seus processos, proporcionando valiosos aprendizados, na Escola do Futuro em Artes Basileu França. O professor de cerâmica, Edivaldo Gabriel Machado, compartilhava frases filosóficas que enriqueciam nossas aulas sobre as técnicas de modelagem e o manuseio da argila. Ele enfatizava a importância de manter a calma, explicando que a argila — ou barro, como prefiro chamar — é um material que absorve nossas emoções e temperaturas. Além disso, ressaltava que, apesar de ser um processo demorado que merece respeito, imprevistos podem surgir a qualquer momento, comprometendo nossos planos para a peça, independentemente do cuidado que tenhamos.

Essa última questão me veio como uma metáfora perfeita da vida, que apesar de nossos planejamentos e cuidados, não está sob absoluto controle, exige um certo nível de desapego, que precisa ser dosado também, para que o amor e o compromisso sejam mantidos apesar de tudo. Foi nesse momento, com dezessete anos, que me lembro de ter voltado a valorizar as pequenas coisas que me aconteciam e me cercavam diariamente, na tentativa de criar o meu sentido para vida, reinventar a minha verdade e me sustentar nela.

Durante o processo de criação artística, especialmente com a argila, uma profunda conexão entre meu estado emocional e a matéria se revelou, os movimentos circulares do torno enquanto algo se criava em sua superfície a partir do movimento paralelo de minhas mãos, me faziam pensar nos movimentos da existência, circulares e ligados. Estar em contato com a argila me fez pensar sobre respeito aos tempos, processos lentos e mesmo que planejados, imprevisíveis.

Um exemplo marcante, de referência significativa é o trabalho da artista, professora e performer Celeida Tostes (Rio de Janeiro, 26 de maio de 1929 -1995). Celeida, para além de uma excelente artista, foi uma pessoa preocupada com as devolutivas sociais da arte para a comunidade. Celeida propagou a prática amorosa através da educação e micropolítica, impactou muitas vidas e imergiu na matéria de forma poética.

Seu trabalho mais marcante para mim foi uma performance realizada em 1979, que recebeu o nome de “Passagem”. Durante a performance, ela cobriu seu corpo com barro e adentrou um recipiente do mesmo material, com o auxílio de duas assistentes no momento da performance. Após ser envolvida até a cabeça, ela se expele dali, renascendo do barro.

“Despojei-me/ Cobri meu corpo de barro e fui. / Entrei no bojo do escuro, ventre da terra. / O tempo perdeu o sentido de tempo./ Cheguei ao amorfo./ Posso ter sido mineral, animal, vegetal./ Não sei o que fui.” – disse Tostes após realizar a obra em sua

casa, no Rio de Janeiro, fotografada por Henri Stahl. (Museu de Arte Moderna Rio de Janeiro. *Celeida Tostes*. 2024. Disponível em: <https://mam.rio/artistas/celeida-tostes/>. Acesso em: 10 set. 2024).



Figura 31 – **Passagem** (1979). Celeida Tostes. Fotografia da performance de Henri Stahl (1979). Disponível em: <https://galeriasuperficie.com.br/artistas/celeida-tostes/>. Acesso em 10 set.2024.

Figura 32- **Passagem** (1979).
Celeida Tostes. Fotografia da
performance de Henri Stahl
(1979). Disponível em: [Celeida
Tostes - Galeria Superfície](#).
Acesso em 10 set.2024.



Na 21ª Bienal de São Paulo (1991), Tostes exibiu *Gesto Arcaico*, uma instalação que reuniu as impressões das mãos de centenas de indivíduos sobre o barro, ocupando uma área de 36 metros quadrados. A obra consistia em vinte mil peças de cerâmica, obtidas a partir de mutirões realizados em diversos locais do Rio de Janeiro, como o antigo Complexo Penitenciário Frei Caneca e o Parque Lage.

Na obra *Amassadinhos*, onde a textura e a forma dos objetos resultam diretamente da interação física e emocional com a argila. Em ambos os casos, os gestos e a manipulação dos materiais revelam a interação profunda entre a artista e a matéria, demonstrando que a prática artística é uma forma de meditação e autoconhecimento.

Celeida Tostes abordou a argila não apenas como um material, mas como uma forma de diálogo íntimo e contínuo com o próprio ser e o mundo ao redor. Em seu trabalho, Tostes enfatizou a importância da paciência e da relação cuidadosa com o processo criativo, alinhando-se com a ideia de que a prática artística é um caminho de autodescoberta e autocuidado.

A importância de Celeida Tostes no contexto social vai além de suas obras; ela se destacou por sua abordagem inclusiva e pela maneira como engajou as pessoas em seus projetos. Utilizando a micropolítica, Tostes promoveu a participação ativa de indivíduos de diferentes origens, transformando o processo artístico em um espaço de colaboração e pertencimento. Sua capacidade de ouvir e valorizar as vozes da comunidade fez dela uma artista inspiradora, que não apenas criou obras significativas, mas também fomentou a conscientização social e a reflexão sobre a identidade coletiva.

O processo de amassar a argila, como visto na série, é mais do que uma técnica; é um gesto carregado de intencionalidade e sensibilidade. Tostes nos convida a refletir sobre como esses gestos são um meio de meditação e conexão com o próprio ser. A forma como a argila responde a esses gestos – seja com resistência ou com fluidez – espelha as trocas e o diálogo constante entre o artista e o material.

A argila, como material, revelou-se um espelho das minhas próprias emoções e estados mentais. Em momentos de grande inquietação e ansiedade, quando minha mente estava agitada e meu corpo em constante tensão, a argila parecia reagir de forma adversa, dificultosa. Em dias em que a pressa e a impaciência dominavam, percebia que a argila secava muito rapidamente em minhas mãos, criando rachaduras indesejadas e comprometedoras no trabalho em progresso. Esse fenômeno não era apenas uma questão técnica, mas um reflexo da minha própria instabilidade interna.

Figura 33 – **Amassadinhos (1991)**. Celeida Tostes. Aproximadamente 142 peças de cerâmicas medindo entre 5 e 15cm cada, feitas a partir de argila amassada. Disponível em: [Celeida Tostes - Galeria Superfície \(galeriasuperficie.com.br\)](http://galeriasuperficie.com.br). Acesso em 10 set. 2024.



A cada fissura que surgia na argila, eu era confrontado com a necessidade de cultivar paciência e autocuidado. A solução para esses problemas não estava apenas na técnica, mas na prática constante de hidratação da argila e, mais importante ainda, na regulação do meu próprio estado emocional. A argila exigia que eu me conectasse com meu ritmo interno e aceitasse o tempo necessário para que a peça se desenvolvesse de maneira harmoniosa. As rachaduras estavam diretamente ligadas à minha capacidade de respirar profundamente e acalmar minha mente.

A argila, no processo até virar cerâmica, passa por longos processos, ela integra em sua jornada todos os elementos da natureza. Terra e água são sua principal composição. O ar está ali presente nessa mistura, tanto que se deve sovar bem a massa para que as bolhas de ar não acabem gerando rachaduras durante o processo de queima, que acontece em altas temperaturas. A transmutação da argila passa um processo longo de queima a no mínimo oitocentos graus celsius, onde a fusão ocorre e tudo pode acontecer. Na queima a lenha, que pode ser feita em fornos feitos de argila ou a céu aberto, as cores são surpreendentes e dependem da proximidade da peça com o fogo e as cinzas, alquimia pura.

Assim como a argila exige paciência e atenção aos processos naturais, a prática amorosa demanda um cuidado genuíno com as próprias emoções e com as interações com os outros, lidar com a instabilidade, desapego de controle. A habilidade de se ajustar e adaptar às necessidades do material espelha a capacidade de oferecer amor e compreensão em nossas relações, aceitando os tempos de cada pessoa e os ciclos próprios de crescimento e transformação. Ao aplicar essa filosofia à minha vida, percebo que a verdadeira prática amorosa envolve reconhecer e respeitar os tempos e as necessidades, sejam elas internas ou externas, assim também vale para as plantas.

Minha sina sempre foi fazer muitos potes, recipientes que eu pudesse utilizar no momento de alimentação, vasos para minhas plantas e para as plantas que presenteio pessoas amadas com frequência, além de placas que são carimbadas com folhas bem grandes que pego do meu quintal ou acho durante minhas caminhadas pelas ruas de Goiânia. No ano passado, em 2023, brinquei com algumas composições de meus potes e peças com sementes que ganhei de uma amiga e outras que coletei, em fotografias no meu quintal.

Um dia, após receber várias mudinhas de plantas de presente, meu melhor amigo, Guará, disse: “Fico feliz que seu amor venha com a terra.” Isso sintetiza de forma sublime a forma que vivo e experiencio o amor, através da terra, do contato de minhas mãos na matéria, seja para modelar, para pintar e para plantar.

Em momentos de inspiração durante o processo de pesquisa, permaneci com os cadernos de desenhos, anotando reflexões e desenhando bastante. Em certo momento, passei a desenhar minhas mãos e refletir sobre serem elas as mediadoras de minhas

experiências e expressões. Em vários desenhos, coloridos com cúrcuma e argila, tentei integrar minhas mãos com plantas, galhos de árvores. A partir disso, produzi placas feitas de porcelana, misturadas com a massa cerâmica terracota, onde coloco minhas mãos e pés e depois alguns galhos de plantas do meu jardim. Me recordei das pinturas rupestres de mãos em pedras, que foram chamadas de Estive Aqui, então escrevi o texto que inicia esse capítulo.



Figura 34 – **Sem título (2024)**. Tu. Fotografia de estante de ateliê pessoal. Na parte superior, peças de cerâmica e cobra coral de biscuit. Na parte inferior, solos coletados durante trabalhos de campo.



Figura 35 – **Composição integrativa (2024).** Tu. Fotografia de peça de cerâmica com sementes aladas de peroba-cetim. Tu (2024)

Figura 36 – **Estive aqui, de pés plantados (2024)**. Tu.
50x20cm. Fotografia de placa de porcelana com gravura de
meu pé direito, que foi tingido com argila terra cota, marcas
de galhos da planta Tulasi sobre o pé.





Figura 37 – **Estive aqui, mãos entregues (2024)**. Tu. 30x20cm. Fotografia de placa de porcelana com gravura de minha mão direita, que foi tingida com argila terra cota, marcas de galhos e sementes da planta Tulasi sobre a mão.

Figura 38 - **Mão e galhos** (2024). Tu. Nanquim, cúrcuma e argila sobre papel 300g A4.



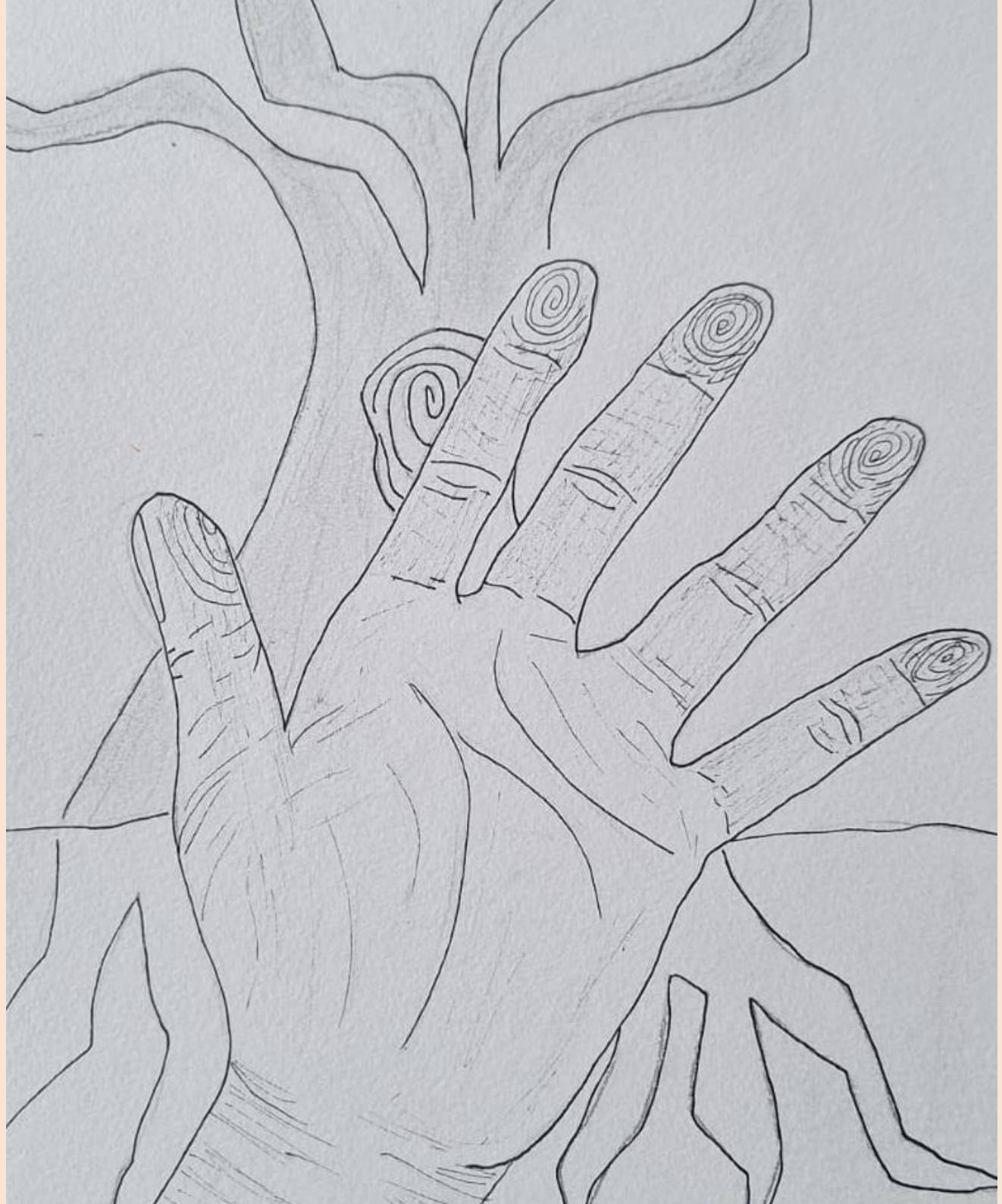


Figura 39 – **Mão, galhos e folhas** (2024). Tu. Nanquim, cúrcuma e argila sobre papel 300g A4.

Figura 40 – **Teste de pigmentos naturais**
(2024). Tu. Argila e cúrcuma sobre papel 300g
A4.



Figura 41 – **Semelhantes** (2024). Tu. Nanquim sobre papel A4.



Permanecer caminhando

O ato de plantar me ensinou sobre a prática amorosa

Sobre esperar o tempo de germinar, fortalecer e florescer

Sobre as diversidades de existências e necessidade de atenção, que varia de cada espécie

Sobre vigiar diariamente mesmo que de longe as necessidades de mudança

Porque algumas preferem o sol escancarado enquanto para outras basta a luminosidade numa sombra tranquila

Algumas até mudam de cor na presença do sol enquanto outras não suportam vê-lo

Existem as que gostam de água em abundância e outras que preferem períodos maiores na seca, podendo até florescer nessas condições

Tem as que florescem pela noite e outras que pontualmente, às onze da manhã abrem seus botões, todos os dias

A diversidade das plantas e o observar de seus comportamentos melhorou minha relação com as pessoas

Porque algumas precisam de mais coisas que outras

Necessitam de cuidados diferentes, dependendo da hora, do momento, do dia e do clima

Assim eu aprendi sobre amor e tempo

E sobre os meus cuidados específicos

Pois já sei que prefiro sol e água em abundância

E me contempla a luz da sombra, mas também me contempla o escancarar do sol

Me nutre a água da chuva e me refresca a brisa do vento

O que me faz florescer é alimentar meus imaginários e cultivar minhas relações

Poema livre 6 – Plantar laços. Tu (2024)

Criar um espaço auto-nutrido

Capaz de fornecer tudo que precisa para sua manutenção

Um microbioma

Enfeitado com detalhes carinhosos

Para representar um micromundo

É onde posso ter o mínimo de controle

Ainda assim, depois de fazê-lo, o único que resta é observar sem mais intervir

Se tudo estiver em equilíbrio, ele de certo sobreviverá por bastante tempo

Se não, perecerá e seu recipiente poderá abrigar outro micromundo

Uma nova tentativa de vida em equilíbrio.

Poema livre 7 – Biomas internos. Tu (2024)

O ato de plantar sementes e cuidar das mudas não só me conectou com a natureza, mas também despertou uma maior consciência sobre a minha própria saúde e bem-estar. Compreendi a importância de estar atento ao que ingeria, tanto em termos de alimentos quanto de conteúdos digitais, já que o consumo excessivo de redes sociais frequentemente prejudicava minha saúde mental. Esta experiência me revelou a profunda interconexão entre cuidar do que está dentro e do que está fora, reforçando a ideia de que ambos os aspectos estão intrinsecamente ligados.

Além disso, a busca por amor e cuidado foi e permanece sendo uma força propulsora, movendo meus dias e guiando meu desejo de nutrir e aprimorar minhas relações. Sempre ansiava por conexões que permitissem florescer as potencialidades tanto minhas quanto das pessoas ao meu redor, criando espaços seguros de confiança e honestidade. Porém, precisei reaprender meios de cultivo que resgatassem a prática amorosa, honrar minhas memórias e desejos da infância também.

A forma como aprendemos a amar em uma sociedade dominada pela ganância e pela pressa muitas vezes carece de autenticidade e verdadeiros cuidados. Tais relações disfuncionais frequentemente refletem a maneira como cuidamos de nós mesmos e do mundo ao nosso redor. Ao me conectar com as plantas, tracei paralelos que iluminaram minhas interações e compreensão das pessoas, reconhecendo suas especificidades e necessidades diversas. O cultivo dessas vidas verdes me ofereceu uma perspectiva mais profunda sobre a importância do cuidado e da atenção, tanto nas relações interpessoais quanto na maneira como nos relacionamos com o mundo natural.

Os caminhos não estão dados, é preciso cultivo e cuidado para que o melhor floresça em nós, cavar fundo. Não podemos deixar de buscar os lugares de confluências e manter a fé, pessoas boas interessadas em cultivar futuros ancestrais existem e persistem, são as conexões que fortalecem as curas. Não se pode perder também a esperança diante das dificuldades que se apresentam, transformar as dores em adubo. A arte segue acompanhando a cada respiro, permitindo possibilidades integrativas, compartilhamento de saberes e expressões profundas num universo de possibilidades e muito a ser aprendido dentro da diversidade desse universo.

A arte, para mim, é uma potência viva e transformadora, que não se limita a nada e pode se fundir a tudo. A arte, tal como a água, se adapta ao ambiente em que está, sem rigidez, fluindo e se transformando conforme a necessidade, criando formas e abrindo possibilidades para futuros ainda por vir. Ela é uma forma poderosa de expressão que rompe barreiras, sendo capaz de transitar pelas múltiplas dimensões da experiência humana. No meu percurso, a arte se manifestou inicialmente como uma maneira de embelezar a vida e enfrentar as dores, com um olhar focado no presente, na beleza que ele pode oferecer. Com o tempo, e através da experiência com o ativismo e das trocas com pessoas de diferentes trajetórias, percebi que a arte ganhou uma nova dimensão: a de conectar, unir e recriar possibilidades de mundos cheios de vida, de amor, sabedorias e curas. Ela se tornou um instrumento de sensibilidade e colaboração, capaz de construir pontes entre indivíduos e comunidades, criando espaços de transformação onde o coletivo é valorizado e a beleza emerge das mais diversas formas de convivência. Ela também me ensinou sobre resistência e foi o elo que uniu por meio dessa pesquisa a terra, o amor e as plantas.

A mais recente performance que aconteceu durante esses escritos consistiu em reunir as memórias que iniciam o texto, dos encantamentos da infância, com os cultivos do presente. Fui ao Parque Flamboyant, que fica no meio de uma urbanização frenética e é um lugar vasto que eu frequentava quando criança, para apreciar a natureza e brincar ao ar livre, subindo nas árvores, me escondendo entre elas, deitando no chão, como há muito tempo não fazia. Durante o percurso, registrado pelo meu parceiro, encontrei um abacateiro e recordei-me da música de Gilberto Gil, *Refazenda*. Como menciona Gil, nós também somos do mato e ei de acatar os atos de abacateiro, plantando e espalhando vida, refazendo-me. A performance foi intitulada de *Bicho do Mato* e fazê-la me revigorou, além de ter resgatado a brincadeira de infância, senti inspirar as crianças que estavam em volta a fazer o mesmo.

Sigo e pretendo me manter no caminho de aprendizados integrados à saúde da terra, trilhando cada passo na tentativa de agir através de micropolíticas que possam agregar para meu crescimento pessoal e para o coletivo. Deixando pelo caminho somente

o que for do coração, as coisas que aprendi e compartilho aqui, não hão de ser em vão. As plantas e a poesia, que tanto tem para ensinar, germinam sementes de amor no coração que as cultivar. Que todo problema vire poema, que a união faça curas.

Desespero de vida, urgência de amor, até plantas com espinhos oferecem flor. Prossigo essa pesquisa com aconchego e alegria imensa. Quem trilhou esse caminho comigo, o adubou com sua presença. Desejo que os próximos caminhos sigam no fluxo das transfluências, hei de permanecer plantando com excelência. Desejo também que amor sempre esteja presente, como água, faça transbordar, mudas de esperança continuarei a regar.



Figura 42 – **Bicho Folha** (2024).
Performance Bicho do Mato, Tu.

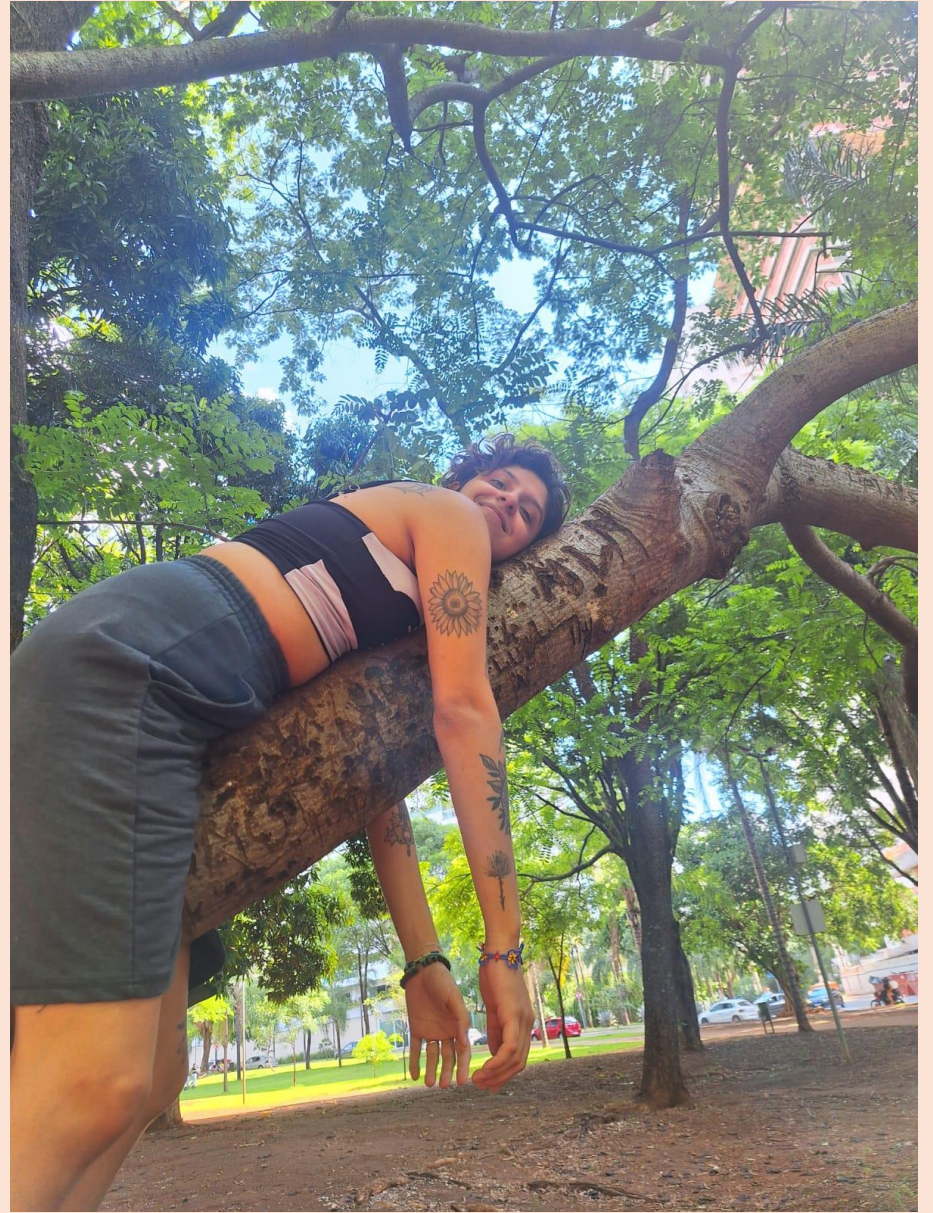
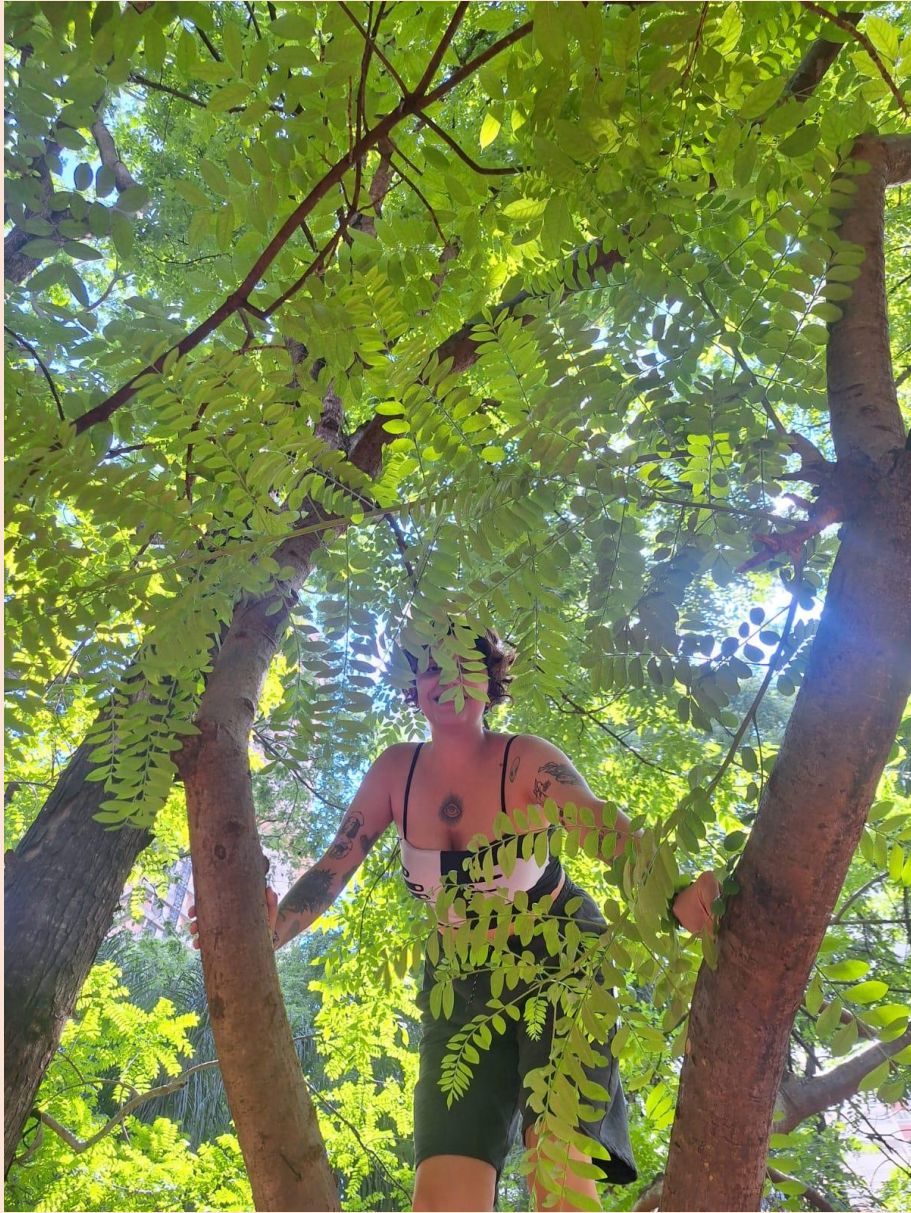


Figura 43 – **Imerso** (2024). Performance Bicho do Mato, Tu.

Figura 44 – **Bicho-preguiça** (2024). Performance Bicho do Mato, Tu.

“Eu sou maior do que era antes, estou melhor do que era ontem. Eu sou filho do mistério e do silêncio, somente o tempo vai me revelar quem sou.”

Milton Nascimento

REFERÊNCIAS

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **O futuro é ancestral**. São Paulo, Companhia das Letras, 2022.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo, Companhia das letras, 2020.

hooks, BELL. **Tudo sobre Amor**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2019.

CANTON, Katia. **Da política às Micropolíticas**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

MACIOCIA, Giovani. **Os Fundamentos da Medicina Chinesa**. Rio de Janeiro: Editora Roca, 2017. Tradução de Carlos Henrique Consendey e Maria de Fátima Azevedo.

BARROS, Manoel de. **Memórias Inventadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

OLIVEIRA, Kanduca. **Geo-história e atualidades de Goiás**. Brasília: Fortium Editora, 2008.

Descolonizar o imaginário: debates sobre pós extrativismo e alternativas ao desenvolvimento / Gerhard Dilger, Miriam Lang, Jorge Pereira Filho (Orgs.); traduzido por Igor Ojeda. – São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2016.

CASEMIRO, Poliana. 2024 é o ano mais quente já visto na Terra, segundo observatório europeu: Segundo o observatório, o mês de novembro foi o mais quente já visto na Terra, superando o ano de 2023, que já tinha terminado

com recordes. Disponível em: <https://g1.globo.com/meio-ambiente/noticia/2024/12/09/2024-e-o-ano-mais-quente-ja-visto-na-terra-segundo-observatorio-europeu.ghtml>. Acesso em 01 de nov. 2024.

KRENAK, Ailton. Ciclo Selvagem. *Flecha 6 – Tempo e Amor*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PeMBCABxXCQ>. Acesso em 20 nov. 2024.